

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ROCHA, Wildner D'Paula . Wildner D'Paula Rocha (Pulguinha) (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 39min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Wildner D'Paula Rocha (Pulguinha)
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Aira Fernandes Bonfim; Bernardo Buarque de Hollanda; Bruna Gottardo;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro; Thiago Augusto Esteves Kunis;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 10/02/2015 a 10/02/2015

Duração: 3h 39min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Anos 1980; Argentina; Bolívia; Brasília; Club de Regatas Vasco da Gama; Clube de Regatas do Flamengo ; Copa do Mundo; Esportes; Eventos e comemorações esportivas; Família; Fluminense Football Club; Infância; Liderança política; Movimento dos Sem Terra (MST); Movimentos sociais; Polícia; Projetos culturais; Promotoria pública; Reforma agrária; Região Sul; Rio de Janeiro (cidade); Santos Futebol Clube; São Paulo; Segurança pública; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista 10.02.2015 Apresentações iniciais; as origens na Zona Leste de São Paulo; a família e o avô corinthiano; as idas ao Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) na infância e a introdução ao universo futebolístico; os primeiros jogos e a filiação à Gaviões da Fiel; a participação no departamento de bandeiras da Gaviões; a função do entrevistado na torcida atualmente; o trabalho em um projeto cultural para organização da história da Gaviões; as grandes referências da torcida nos anos 1980; a conciliação entre estudos e torcida; as viagens de caravana com a torcida; a relação com a Torcida Jovem do Flamengo, a primeira briga e o desgaste da relação; o início da relação com a torcida do Fluminense Football Club, “Young Flu”; relação com a torcida do Botafogo de Futebol e Regatas; episódio da briga entre as torcidas do Santos Futebol Clube e do Botafogo; a fundação da Fúria Jovem do Botafogo; o papel da Gaviões na relação das torcidas do Flamengo e Botafogo; o início da Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (Conatorg) e o diálogo com o Ministério dos Esportes; o movimento “Fora Ricardo Teixeira”; a estrutura da Conatorg; desmobilização da Conatorg; a volta da Associação das Torcidas Organizadas de São Paulo (Atoesp) em 1995; a fundação do Movimento de Torcidas Organizadas (MTO) em 2002; o diálogo com a Mancha Verde; o desempenho das lideranças das torcidas; a relação das torcidas com a promotoria pública e Paulo Castilho; a falta de eficiência do Termo de Ajustamento de Conduta; o trabalho preventivo entre torcidas antes dos jogos e viagens; o funcionamento das sub-sedes da Gaviões; o método de distribuição e compra dos ingressos; os vieses do Campeonato Paulista; a mudança do público nos jogos; a má experiência nos jogos no Rio de Janeiro; a experiência nas caravanas para a região Sul; a relação da Gaviões com as outras torcidas do Corinthians; a relação com as sub-sedes de outros estados; o período na presidência da Gaviões; o irmão Tonhão; a intervenção no Corinthians; a cultura de violência do futebol e o impacto efêmero da Copa nas forças policiais; a criação da Câmara técnica do desporto no Procon; o papel do Estado na organização das torcidas e na prevenção da violência; o caso da briga entre Corinthians e Club Atlético River Plate em 2006; a Gaviões no pleito político; a atuação na Câmara Municipal e o envolvimento no projeto em Francisco Morato junto com Raimundo César Faustino (Capá); o caso do jogo entre Club de Regatas Vasco da Gama e Corinthians na arena nova em Brasília na final da Copa do Brasil em 2002; relato

do último jogo que atuou como liderança; a organização da viagem para a Argentina em 2013; o episódio com o sinalizador na Bolívia; a popularidade da Gaviões entre as torcidas; a Gaviões como um instrumento politizador, social e de formação pessoal; o envolvimento com o MST, reforma agrária e movimentos sociais; o movimento do Passe Livre; a relação com o clube; a Gaviões e o carnaval de São Paulo; os títulos da Gaviões nos carnavais; o reflexo do clima de tensões do futebol nos desfiles de carnaval e a importância da prevenção de violência.

Entrevista: 10/02/2015

A.B. – Wildner que fala seu nome?

W.R. – É Wildner.

A.B. – Wildner. Só para fazer a apresentação aqui, que está gravando no começo.

[R.]¹ – Hoje é dia 10.

B.G. – É que a gente está no dia quatro, que foi a última vez que a gente marcou com você.

B.H. – Quando vocês quiserem.

A.B. – Gravando? Então vamos lá. Projeto “Territórios do Torcer”, hoje é dia 10 de fevereiro de 2015. Nosso entrevistado de hoje é o Wildner D’Paula Rocha, mais conhecido como Pulguinha. Na entrevista Aira, Bernardo, Bruna, Rafael e vamos começar.

B.H. – Vamos dar bom dia para o Pulguinha, agradecer a sua presença aqui no Museu do Futebol. Para a gente é uma alegria ter você aqui, participando desse projeto, por ser uma liderança dos Gaviões da Fiel. A gente gostaria de começar pelas suas origens. Saber onde você nasceu, se você nasceu aqui em São Paulo, que ano.

W.R. – Primeiramente agradecer o convite. Participar desse trabalho com um quadro só de lideranças, muitas referências mesmo. E aí me incluir nisso é uma baita responsabilidade. Só fico grato. Minha origem é a cidade de São Paulo mesmo. É aqui. Minha origem é aqui mesmo. É São Paulo.

B.H. – Que bairro? De onde é sua família?

W.R. – Eu nasci na Zona Leste, Tatuapé, Belém. Até 15 anos da minha vida eu vivi a Zona Leste intensamente. Hoje eu moro na Zona Norte. Na verdade, minha origem, desde que eu me entendo por gente é o Bom Retiro, é a quadra dos Gaviões da Fiel. Na verdade, é onde eu me desenvolvi. Jovem, criança, tudo.

¹ Como a voz é diferente da do Bernardo, pressuponho que seja do Rafael, embora não tenha sido passado o nome completo dele, por isso inseri apenas a primeira letra do nome. No entanto, ele não se pronuncia mais ao longo de toda a entrevista.

B.H. – Que ano que você nasceu?

W.R. – Setenta e oito.

B.H. – Setenta e oito. E seus pais são paulistanos?

W.R. – Paulistanos.

B.H. – Avós também nascidos aqui em São Paulo?

W.R. – Não, aí avós são do nordeste. Um é italiano. É misturado.

B.H. – Você os conheceu? Chegou a conhecer?

W.R. – Conheci, conheci. Meu avô italiano é uma das primeiras referências de Corinthians. Que eu me lembro, as primeiras da minha vida foi esse meu avô. Corinthiano, italiano brabo. Corinthians fazia gol, ele mordida a orelha de todos os netos. [risos] É uma coisa que não tem como esquecer.

B.H. – E começou dessa forma, dessa relação com seu avô?

W.R. – Não, a primeira referência de Corinthians foi ele, mas, na verdade, a introdução na coisa foi o meu padasto. Nós, com quatro anos de idade, começamos a ir ver jogos no Pacaembu. E aquilo virou o lazer da família, virou o nosso... A única coisa que a gente queria fazer. Ir bem na escola para poder ir ao jogo, se comportar para ir bem no jogo... Aí virou o nosso maior lazer como criança. Desde os quatro anos viemos introduzindo esse universo do futebol, vivendo intensamente.

B.H. – Você tem lembrança da primeira partida que você foi?

W.R. – A primeira em si eu não tenho quem era o adversário. Eu tinha quatro anos e acho que eu até dormi no estádio, na verdade. Mas não lembro. Eu lembro que na sequência foi um clássico. Um clássico contra o São Paulo. Depois uma sequência com o Palmeiras. Lembro de um Corinthians e Bragantino, que foi acho que o segundo. O terceiro foi um dos marcantes. Mas não lembro do primeiro em si. Foi uma sequência, mas como era muito pequeno, eu não... Lembro dos detalhes que me marcaram mesmo de cada jogo.

B.H. – E você ia com a família? Quando passou a ir sozinho?

W.R. – Meu irmão, padrasto. Dos quatro anos até os 11 com padrasto do lado. Com 11 anos, quando a gente se filiou aos Gaviões e já tinha todo o manejo de ir para os estádios... Como minha mãe conhecia, minha família conhecia os Gaviões, as pessoas, a metodologia de se organizar, ela ficou mais segura de a gente ir sozinho, estar com essas pessoas e aí foi a partir de onde eu comecei a ter mais liberdade de ir ao estádio sozinho. A partir dos 11, mas junto com os Gaviões.

B.H. – Mas então sua mãe pertenceu aos Gaviões?

W.R. – Pertenceu, mas antes, além de ser sócio também mais com amizades. Era amiga da esposa do Dentinho, de outras grandes lideranças. Então a gente além de ser apaixonado pelo estádio, tinha essas pessoas frequentando a nossa casa, falando dos Gaviões. Aí que a gente ficava mais doido, não é? Para pertencer, para ser sócio. E eles incentivavam também os meus pais. Só que só a partir de um certo momento que minha mãe achou seguro para a gente começar a ir com as nossas pernas. Quando a gente já sabia andar de metrô, sair sozinho.

A.B. – Você ia com seus irmãos?

W.R. – Íamos eu, meu irmão e amigos, não é? Meu padrasto também foi muito, que ele também era apaixonado. Íamos, mas a partir dos 11 íamos de metrô. Ia para o metrô Tatuapé, ia com a multidão. Da Zona Leste saíam multidões. E a gente já, desde que começou a ir sozinho, já muito envolvido nos Gaviões. Então já conhecia muita gente da torcida, da região, enfim. Então a gente, mesmo pequeno, tinha o respaldo de todo mundo. Eu era tipo um mascotão da torcida. Aonde eu ia o pessoal cuidava. Então, para mim, era muito fácil.

B.H. – E seu trajeto, vocês passavam pela sede, pela quadra, ou já iam direto da Zona Leste para o jogo?

W.R. – Tem uma cultura... Como minha referência foi os Gaviões desde o começo, para mim, ir sozinho, e as amizades, e o que eu queria era viver os Gaviões, desde pequeno, mesmo sendo mais perto o estádio, indo direto, ou mais fácil, ou os amigos indo, eu preferia acordar cedo, pegar o metrô, andar, ir para os Gaviões de manhã e sair de lá com material, com as lideranças, com o nosso patrimônio, com as bandeiras, batucar antes. Tinha todo um processo que, se você

vai direto, você não pega. E eu queria aprender a tocar, ia antes para a sede. Então eu preferia ir antes, ficar lá, e aí de lá ir para o estádio, voltava para a sede, depois ir para casa. Tudo mais longo, mais difícil, mas... Detalhes que você absorve, vive, que valem a pena.

A.B. – Departamento de bandeiras então foi a primeira experiência de responsabilidade? Conta um pouquinho.

W.R. – Primeiro degrau. O departamento de bandeiras é tipo a primeira sala de aula d quem vive, quem se interessa a se introduzir. Geralmente, a molecada fica... Ela é ligada à festa, quer fazer, quer ajudar aquilo. Nós não fomos diferentes. Eu, meu irmão e nossos amigos da época, a gente se introduziu... Como tinha referências dentro da Gaviões também para a gente... Eu quis entrar nos Gaviões por causa das bandeiras mesmo. Então para mim, quando eu me introduzi, era um sonho tentar balançar aquilo. Quando a gente viu, a gente já estava participando, cuidando, arrumando na sala. Mais um passo, depois fomos ver, a gente estava cuidando, sendo responsável, orientando os mais novos. Então é uma sala de aula onde a gente aprende como os Gaviões se organizam na arquibancada. É um trabalho direto, que você tem direto com as lideranças, com a diretoria. E a grande responsabilidade que é cuidar do patrimônio. Organizar os Gaviões na arquibancada. Então o jovem que vive aquilo ali, ele acaba, além da festa, ele acaba aprendendo e absorvendo outros requisitos. Organização, relação com polícia, como ser... Então, enfim, já é a primeira grande sala de aula. E uma das de grande responsabilidade, que é cuidar do patrimônio, que é sagrado. Eu comecei colaborando com muitos anos, depois fui, a partir de ser um colaborador, depois um dos responsáveis, depois um diretor. Aí fiquei um bom tempo, passei três gerações de jovens ali, coordenando, orientando. E aí, mano, nos gaviões, tudo é momento e é renovação. Chegou um determinado momento que a gente passa para outros jovens, outros coordenadores e tal. Mas foi um dos setores que eu mais gostei de ter colaborado na história dos Gaviões. Foi a primeira, mas de coisas marcantes. Você organizar festa de jogos que marcaram história. E você ter organizado a festa. São uns detalhes, uma vaidade besta, mas é uma coisa que te marca, não é?

B.H. – Depois quando você vê na televisão...

W.R. – É, você vê as fotos e fala: “Como nós organizamos.” E tudo garoto novo. Diferente de hoje, nós, como já... Com espaço velho e tudo e a gente organizar uma coisa é muito mais fácil.

B.H. – Hoje qual é a sua função dentro da torcida? Você tem alguma?

W.R. – Nenhuma. Na verdade, hoje eu coordeno um projeto novo cultural lá, que a gente está tentando instituir, que seja permanente para o futuro. Então estou colaborando para que a gente consiga organizar isso, fazer. Mas não tenho nenhuma tarefa. Eu me abduco hoje de tarefa. Apesar de ir, frequentar a sede, ainda orientar muitos projetos que chegam em nós, que pedem orientação para a gente. Ajudo em muitas coisas, algumas sub-sedes em específico, mas não assumo carga nenhuma. Vou pelos projetos, mas dos Gaviões é tudo momento, é tudo renovação. Eu acho que hoje tem outros jovens aptos a liderar e se formando, como a gente passou e os mais velhos, a maior importância dos mais velhos nos Gaviões é estar, de vez em quando, ali, participando do processo de orientação e de fiscalização da entidade. É o que eu tento colaborar hoje.

B.H. – Esse projeto cultural que você mencionou, o que é, especificamente?

W.R. – Os Gaviões não têm nada que seja organizada a história, não é? A nossa história é muito rica em muitos detalhes. É como na arquibancada, Corinthians, relação com o Corinthians, muitas coisas se perderam. O Carnaval mesmo, que é uma outra coisa que cresceu... E a gente não tem nada registrado. Então a gente começou a organizar. Eu junto o material da torcida há muitos anos. Muitos, muitos, muitos. E agora a gente tem um espaço novo e começou a organizar, retratar histórias com os documentos, com fotos, começar a explorar mais o audiovisual lá dentro, que não é muito da nossa aptidão. E organizando esses materiais, que sejam uma coisa que esteja lá, para que outros que venham... Que seja uma fonte de pesquisa, seja uma história guardada lá dentro.

B.H. – É o Memorial Flávio [inaudível]?

W.R. – É, a gente já teve várias... Esse projeto é antigo, já teve várias denominações. Hoje ele não tem denominação nenhuma. É o projeto do acervo dos Gaviões. Porque é uma coisa que ainda está em laboratório. Estamos instituindo ainda. Não é uma coisa permanente ainda. Tipo, vai ser fixo, vai ser...

B.H. – Amadurecendo o que vai ser, que rumo vai tomar.

W.R. – É. Mas já é uma coisa aceita, então vai dar certo.

B.H. – Pulguinha, nesse início, na sua entrada, virada dos anos 1980 para os anos 1990. Quando você chega nos Gaviões, quem são, naquela altura, as grandes referências da torcida, os nomes? O que você guarda dessa entrada em relação ao passado?

W.R. – As grandes lideranças dessa época são pessoas que eram da geração mais velha. Eram os grandes líderes, não é? O Magrão, que foi um ex-presidente; o Dentinho, ambos, na verdade, presidentes por duas vezes dos Gaviões. Exclusivamente os dois. Mas tinha o Julião, tinha... Aquela época, na verdade, não era igual hoje, que as lideranças têm um nome, duas grandes referências. Naquela época, os Gaviões tinham um conjunto de lideranças muito marcantes. Mas tinha específicas, que era o Julião, era o Dentinho, era o Magrão... Tinha ainda... Eu cheguei a ver, lá no finalzinho, o Flávio, mas tinha Lucas, pessoas que os nomes não ficaram muito marcados na história, mas na época eram grandes líderes. E com uma geração em ascensão já dentro da entidade, que era a geração do Metaleiro, do Jamelão, do Pancho e aquela geração.

B.H. – Que vão aparecer nos anos 1990.

W.R. - Que vão aparecer nos anos 1990. Eu peguei bem esse momento. Esses velhos e essa introdução desses novos já assumindo responsabilidade já na frente da torcida.

B.H. – E dava para conciliar com estudo, com trabalho? Como é que é você adolescente?

W.R. – Quando eu entrei, eu tinha 11 anos, então minha única responsabilidade comum era estudar. Eu tinha isso aí como responsabilidade mesmo, porque minha mãe sempre colocou um parâmetro. “Ou tiram notas boas, ou não vão viver isso. Não vão sair, não vão jogar bola.” Então era uma coisa que ela impunha. Ela chegou a nos tirar de dentro do ônibus da caravana por nota vermelha. Ela exigia. Então a gente tinha que ter esse equilíbrio para a gente poder viver a torcida, para poder ir para a sede e com apoio de todo mundo dentro dos Gaviões. Eram poucos jovens que frequentavam. Hoje, como um fenômeno de massa dentro da entidade, de muitos, apesar que a gente conhece um a um quem vive, quem frequenta mesmo a gente consegue ter uma proximidade. Naquela época você conhecia a pessoa mesmo, então conheciam minha mãe. Minha mãe falava: “Olha, não está bem na escola.” Aí além de em casa sofrer a pressão, dentro dos Gaviões eu sofria muita. Muita. E até mais chata, porque é aquela

coisa mais pertinente dos caras mais velhos. Dão uns cascudos, de dar umas canseiras, não deixar jogar bola, não deixar batucar. Ajudou, eu acho, na minha formação e tudo mais.

B.G. – E como era sua rotina? Você ia todo dia?

W.R. – Não, porque tinha uma distância. Minha mãe não alimentava a gente. A gente tinha que se organizar para ir mesmo, a nossa mesada, tudo coisa prioritária. Nunca fomos uma família de esbanjar. Mas a gente se organizar para ir. Ela não deixava também dia de semana, tipo, ficar. Não, ia de fim de semana, de sábado, domingo de manhã. E de semana também a gente tinha aquela coisa, nossas tarefas de jovem, não é? Nós jogávamos bola em um time, ia treinar de semana, gostava de empinar pipa... As coisas de jovem eu fazia no meio de semana. Fim de semana eu me abdicava e vivia a torcida.

A.B. – Nessa época você já viajava com as caravanas? Você lembra de viagens distantes?

B.H. – A primeira caravana...

W.R. – Sim. A primeira foi Bragança. Eu lembro bem, foi Bragança. Mas a primeira longe foi o Rio de Janeiro. Foi em 1990, Corinthians e Flamengo, que o Neto meteu um gol no meio da rua. E essa foi com meu padraсто junto, mas ele foi em outro ônibus, deixou a gente à vontade com os amigos em outro. A gente já tinha uma liberdade. Mas, tipo: “Quer ir para o Rio? Não, então aí eu vou também.” Depois dessa viagem também nós fomos em todas que a gente quis. A campanha de 1990 meu irmão foi para a Bahia, foi para Minas, pegou a campanha inteira. Eu cheguei a ir para Minas, para a Bahia não fui, não tinha condições ainda. Mas a gente já tinha liberdade para ir.

B.H. – Você mencionou essa ida ao Rio. É mais ou menos no momento em que, até então, havia uma relação com a torcida do Flamengo, que começa a ser quebrada. Ou quando você entrou já não havia mais? Como é que estava naquela altura?

W.R. – Não, tinha a relação, a gente ainda presenciava as lideranças em processo de diálogo. Presenciávamos a Torcida Jovem do Flamengo na nossa sede, naquela época. Quando eles jogavam em São Paulo, a gente recebia. E a gente ia para o Rio e ficava tudo misturado. Eu lembro bem desse jogo. Eu tenho até algumas fotos que estão nesse projeto do acervo hoje lá dos Gaviões, que a torcida do Corinthians, a gente fazendo uma batucada tudo junto lá fora. E

lembro bem também logo do episódio seguinte, do jogo seguinte, entre a primeira briga entre a torcida do Corinthians e a torcida do Flamengo. Eu estava até presente. Foi no Rio de Janeiro. Eu estava presente até, aliás. A gente tentou controlar, reverter e tal, mas ali eu presenciei o desgaste das partes. Porque, na verdade, a relação...

B.H. – O que ocasionou? Porque era uma relação de 10 anos. Já tinha bastante tempo.

W.R. – Nos Gaviões, relação com torcida, quem faz são as lideranças. Não é uma prática, uma linha geral. “A gente vai ser, a gente é amigo de torcida determinada A ou B.” Não. A gente tem um respeito com os amigos A e B e tal. Só que quem mantém, faz a manutenção disso, são as lideranças. E ali, posso dizer que era, como aquela geração, a transição dos velhos, novos e tal e eu acho que isso ali também era uma coisa que estava se perdendo com a torcida do Flamengo. Como lá também passava esse processo de renovação de liderança lá nos anos 1990. Capitão Leo, Germano e muitos outros que passaram. Mas ali também era um momento de transição. A nossa geração nova que vinha, não a do Metaleiro e tal, mas a nossa mesmo, os de 15, 16 que vinham, dificultou também. Dificultou. Enquanto as lideranças tentavam fazer uma manutenção, a gente não apoiava. Então em uma dessas brigas, foi uma turma nova que não apoiava e ocasionou a primeira briga. As lideranças, na época, não fizeram a manutenção desse atrito, depois só veio a desgastar. E desgastou mesmo. Quando a gente viu, da noite para o dia, não tinha mais relação nenhuma.

B.H. – Aí o momento também que eles se alinharam com a Independente.

W.R. – Mas isso bem depois. A gente mesmo se alinhou com... Começamos a ter relação com a Young Flu primeiro, na minha lembrança, do que eles com a Independente. A gente ia um dia nos Gaviões, a torcida do Fluminense teve um problema com a torcida do Palmeiras aqui no Pacaembu. O ônibus da torcida do Fluminense, da Young Flu, foi incendiado pela torcida do Palmeiras e eles não tinham a quem recorrer. Uma das lideranças da Young Flu tinha o contato de uma liderança nossa antiga e ligou. E os Gaviões eram tipo muito abertos a qualquer relação. Ainda nesses momentos difíceis a gente não pensa muito, não tem muito orgulho. “A gente precisa de uma mão aqui, porque o nosso pessoal está exposto aqui, estamos sentindo com o perigo de tomar um outro ataque aqui da torcida do Palmeiras.” “Não, vem para a nossa sede. A gente vai alugar um... Enquanto vocês não resolvem.” E ali nasceu um diálogo

respeitoso com a torcida do Fluminense, no qual eles fizeram questão de voltar para retribuir e tudo e ali nasceu um diálogo respeitoso entre as partes. O que as outras torcidas chamam de aliança e tal, a torcida do Flamengo achou um absurdo, mas a gente não, a gente só abriu um espaço para uma torcida que estava em um momento difícil. Ainda até que viveu um momento difícil com nosso adversário, com a torcida do Palmeiras, a gente abriu as portas. Ficamos muitos anos com diálogo com a Young Flu. Aí vem aquela questão de as lideranças, a manutenção que eu mencionei. Lá também mudou, aqui também começou ter essa rejeição. Porque quando começa a ter muito diálogo e tal, os associados querem ir para lá ver jogo da outra torcida, querem pôr camisa e tal e isso nos Gaviões é um bloqueio. Você ter um diálogo respeitoso entre a diretoria, normal. O associado vai atender. Você começar a pôr a camisa do Botafogo, você começar a passar além do respeito, trazer mais para a intimidade, para os Gaviões, isso é um bloqueio. Isso aí tivemos com todas, como a gente tem com a do Botafogo hoje para muitos.

B.H. – Um pouco do que o Conta contou é que a relação começa inclusive também em um jogo com o Santos, do Botafogo com o Santos e que vocês acabam também recebendo [inaudível].

W.R. – Episódio antes até. A gente conheceu a torcida do Botafogo no meio de uma confusão. A gente indo para o ensaio técnico do Anhembi em uma multidão. Isso foi em 2003. E a gente, que era o corpo de liderança que tomava conta da torcida, a gente estava indo para o ensaio técnico com a multidão de associados. Uma turma mesmo da torcida mesmo. E quando a gente passou por cima da ponte de Casa Verde a gente viu uma van da torcida do Botafogo quebrada e eles em 15 associados. Eles estavam indo para o Parque Antarctica, já em um jogo para eles que, naquela época, era um clima de guerra. Porque eles tiveram diálogo muito tempo com a torcida do Palmeiras, mas naquele momento já não estavam tendo e eles já estavam em uma baita tensão para ir para lá com a van quebrada. Encontram os Gaviões com uma multidão. Começou aquela baita correria, pedra neles e tal. Eles também estavam em 15 lideranças, também não correram e tal, então [inaudível] meio que um conflito ali. Não chegou às vias de fato, mas chegou ali... E a gente com uma multidão. E a gente não visou ali. “Ah, não, vamos pegar a torcida do Botafogo.” A gente, eu, meu irmão, as lideranças que estavam no momento, a gente visou tipo: “Não, vamos segurar isso aqui. Porque isso aqui seria um ato...” Nós indo para o ensaio técnico, esses caras deram o maior azar da vida deles. A gente segurou os associados, pegou as lideranças restantes e falou: “Leva para o Anhembi.” Conseguimos

segurar nosso povo e que fosse conduzido para o Anhembi. Ficamos lá e fomos para o diálogo com eles. Era uma atitude muito anormal. Muito anormal. E aí meu irmão ficou lá, o Tonhão ficou lá, fez o diálogo com eles, apesar de todo... Mas: “O que vocês estão fazendo aqui?” Naquela gritaria, eles também ainda... Mas ficou só ele mesmo para demonstrar que não tinha um... A gente conduziu o povo e ali eles viram aquela puta atitude nobre, mas estranha no nosso [inaudível] de futebol, de torcida. Aí se estabeleceu ali um diálogo. Aí meu irmão mesmo propôs no mesmo dia: “Na hora que vocês saírem do Parque Antarctica, vamos conversar nossas lideranças, porque não tem por que também a gente ir para o Rio de Janeiro e ir no clima de guerra que a gente vive. Podemos ter adversidade, mas vamos dar uma arrumada nisso, que a gente há anos já extrapola.” Eles ficaram inseguros, porque era até uma torcida que a gente brigava. A gente conversou, fizemos nossa reunião enquanto eles estavam no jogo, entramos no nosso acordo, porque nos Gaviões é tudo coletivo também. Fizemos uma puta de uma reunião fechada e estabelecemos que a gente ia conversar com eles, sim. Final do jogo pegamos a estrada e fomos nos encontrar com eles lá na Dutra, lá depois de Guarulhos. Um lugar bem neutro. Eles, apesar de toda a insegurança, foram também aonde a gente... Eles agradeceram a nossa atitude e tal, a gente também conversou sobre um futuro de a gente ter mais um respeito. Deixamos uma semente plantada e voltamos para a nossa vida. Coincidentemente, em uma situação bem desagradável para eles, eles foram para a Vila Belmiro e sofreram uma emboscada da torcida do Santos. E eles lembraram de nós e aí eles, com alguns jovens baleados no hospital, e com medo de ficar no hospital em Santos e até aquela coisa dos caras invadirem o hospital e tal. A gente foi socorrer eles, fomos com alguns carros. Tipo, eles voltaram nos carros e a gente voltou de rodoviária para eles virem cómodos e tal. E eles [inaudível]: “Que atitude dos caras, não é?”

B.H. – E o intervalo entre um episódio e outro foi o que? De um ano, dois anos?

W.R. – Não, foi logo depois de... Eu acho que não deu dois meses. Eu acho que não deu dois, três meses, isso aí.

B.H. – E já era Fúria? Ou ainda era TJB?

W.R. – Não, não, a Fúria começou conosco, com esse episódio da Baixada. Aí eles vieram para os Gaviões, a gente fez um espaço para eles repousarem. Eles tinham que ficar com perna para

o alto, os dois meninos estavam baleados, eles tinham que ficar parados lá. E a gente fez um lugar dentro da nossa sala das bandeiras. Nosso patrimônio maior. Então era uma coisa sagrada, especial. Mas era o único lugar que a gente tinha para eles ficarem de forma cômoda e tal. Eles sabem o valor que isso aí tem. Colocamos eles lá. E nisso, o Conta, fundador da [inaudível], ficou com a gente uma semana em São Paulo. A gente toda noite ia para os Gaviões para ficar com eles e com o Conta. Aí os meninos iam dormir e a gente ia para o bar tomar cerveja e falar de torcida, falar dos Gaviões para ele. E aí nessa a gente falou muito dos Gaviões, como que era o processo histórico dos Gaviões, o nosso conceito de se organizar, a diferença de torcida Rio-São Paulo, que lá presidente, diretoria, fazia carreira na torcida, tirava o que é do sócio e punha no bolso, uma cultura diferente. E quando a gente falou como que era a nossa vivência, como que era sagrada a questão de mexer, falamos dos pecados capitais dos Gaviões, que é mexer no dinheiro, mexer com a mulher do próximo, mexer com a entidade. Quando a gente falava que ninguém recebia nada, que a gente é voluntário em tudo. E aí tudo isso aí mexeu com a maneira de... É uma outra cultura. Isso no Rio de Janeiro é um... Foi aí que ele trouxe outras lideranças para a gente já dialogar mais, levou o nosso estatuto nessa semana que ficou com a gente e eles, em cima de isso, se basearam em um novo conceito de torcida e fundaram a Fúria, que até hoje tem um diálogo com a gente. A gente já passou gerações, a gente conseguiu fazer a manutenção de passar nossa geração para os mais novos. E a gente procura acompanhar para que isso tenha... Que a gente tenha o diálogo com eles por muitos anos. Até porque é uma coisa bem respeitosa, é bacana. É bacana você chegar em um lugar e você não ter que ver aquele clima de problema, sabe? “Vamos chegar no Rio de Janeiro, será que vai ter pedrada no ônibus? Será que a polícia fez um bom esquema de segurança para eles não virem lá no nosso lado?” Então é super agradável, às vezes, você viajar e saber que não vai ter briga, não vai ter nenhum problema. Vamos ver o Corinthians, voltar e pronto. E até hoje lá, agora, é meio que assim, é bom.

B.H. – Eles até seguiram o lema de vocês. Fizeram ética, respeito, atitude, um pouco inspirados no lema de vocês de lealdade, humildade e procedimento. Foi uma inspiração direta na forma de organização que o Gaviões tinha.

W.R. – Sim, sim. É, eles pegaram uma base para se reorganizar em cima dos nossos conceitos e tal, valores, mas com a cultura deles, com a prática deles. E fizeram uma coisa bem bacana. O começo... Hoje eu não acompanho muito a parte administrativa deles. Mas o começo eu

acompanhei muito, participei muito, fui para lá muitas vezes para a gente trocar experiência. Trouxe eles também, as torcidas do Rio para trocarem experiências com a torcida de São Paulo. Primeira vez que uma torcida do Botafogo e do Flamengo se sentaram foi dentro da sede dos Gaviões. Dentro de uma festa nossa que a gente fez questão de sair, preparar o ambiente no meio da festa para as duas, para a gente conversar sobre as questões das torcidas. E a gente sabia que eles nunca tinham sentado juntos. E a gente promoveu isso, para eles era uma puta barreira. Para a gente, aqui em São Paulo, não. Isso aí já é normal. Mas para eles era... Então a gente procurou ajudar eles trocando experiência. Hoje eles têm uma federação funcionando. Se falasse em uma federação há 20 anos para eles lá, eles iam falar: “Não, mentira. Nunca vai ter isso.”

B.H. – E esse diálogo que você construiu foi o embrião do que viria a ser a Conatorg ou isso foi muito antes?

W.R. – Essa questão...

B.H. – Porque você foi uma das pessoas...

W.R. – Eu acho que a gente ajudou a promover isso. Porque em 2002, em 2003... Não, mais um pouco. Em 2005, quando eu fui vice-presidente dos Gaviões, eu fiz uma opção de ir atrás das torcidas. Isso um projeto interno da torcida. E eu levei para a frente de a gente ter um melhor diálogo. E a gente se organizar para discutir algumas coisas do futebol. Então eu comecei... Pelo trabalho que a gente fazia em São Paulo, a gente tinha muito conhecimento com as torcidas. Então eu comecei a pegar um amigo ali e falei: “Me passa o contato das torcidas que você tem. Me passa os seus.” Eu consegui abrir um leque de contato e comecei viajar os estados em uma época que isso era uma coisa muito nova. “Amigo, Pulguinha dos Gaviões. Você me recebe na sua sede? Porque eu quero te levar um projeto que a gente está aí para as torcidas.” Fui recebido em todas as torcidas que eu fui. Eu fui em algumas festas de torcida que eles estavam com 20 torcidas presentes para a gente fazer a reunião dentro das festas. E na época todo mundo recebeu muito bem a ideia. Quem conduziu esse projeto foi a gente, mas a gente junto com a Independente apoiando, que foi quem abriu também um grande leque. E a gente conseguia, na verdade, na época, plantar a ideia de a gente se organizar a nível nacional. Como a gente não tinha estrutura financeira para... Então, assim, a gente não conseguiu nunca

promover. Depois, quando a gente vendeu a ideia aos Ministério dos Esportes, cansamos de vender a ideia aqui para promotores, para promotoria. No final, quando a promotoria aqui estava muito próxima do Ministério dos Esportes, o Aldo lá, o Orlado Silva. Daí, quando o Orlando foi lá... São pessoas que a gente tinha vendido essa ideia. Eles foram e promoveram o fórum com a estrutura do Ministério dos Esportes. E aí a gente conseguiu reunir as torcidas. Em um dos primeiros encontros, a oportunidade feita, se fundou a Conatorg.

B.H. – E você estava à frente disso?

W.R. – Eu participei na época não, porque eu fui um dos precursores da ideia, conversava com muitos presidentes, mas eu não participei da fundação da ideia, por na época pertencer ao [Movimento Rua São Jorge]². Então todo mundo achava que eu tinha que estar lá, mas todo mundo não queria aceitar a São Jorge lá. Nem o presidente dos Gaviões na época. [riso] E eu não participei do começo. Quando, em um outro momento, já nos Gaviões, quando a gente sai, dentro da São Jorge. propomos a chapa para dentro dos Gaviões e voltamos para a frente dos Gaviões, aí sim eu, como a vaga da presidência era dos Gaviões, aí eu assumi a presidência da Conatorg. Foi um curto espaço de tempo. Conseguimos pegar um encontro em Brasília, que a gente promoveu com o apoio não do Ministério dos Esportes, mas com outros apoiadores de movimentos sociais, sindicatos e a gente conseguiu... Foi a única agenda que eu tive com as torcidas, mas onde a gente promoveu o movimento “Fora Ricardo Teixeira”, que foi uma ação ordenada no Brasil todo. Eu sabia que eu não sabia quanto tempo ia ficar, eu falei: “Não, vamos tentar promover uma ação só para mostrar para todo mundo que a gente pode fazer muitas ações ordenadas em uma única rodada. Isso vai ser impactante.” E a gente conseguiu fazer. Foi interessante, na época no Sul, em Florianópolis, tentaram barrar, teve caso de justiça e tal. Pessoas do universo da cartolagem me ligaram, tentaram boicotar o movimento, usaram o Corinthians para tentar afogar o movimento. Foi interessante a experiência. Mesmo assim a gente fez, ficou registrado.

B.H. – Aí vocês fizeram mosaico, ou foi bandeira?

W.R. – Cada torcida fez a sua ação, não é? Tiveram torcidas que foram muito criativas, como a Mancha, que fez um mosaico. Mas a ação era cada uma promover o nome “Fora Ricardo

² O mais próximo do que foi possível ouvir.

Teixeira.” Minimamente, todo mundo abriu uma faixa, fizemos faixinhas de mão, mandamos para o Brasil todo. A gente mesmo produziu aqui em São Paulo, conseguimos tentar mandar, cada um na sua cor, verde, azul, tal. Mas 80% das torcidas aderiram à coisa e em todos os estados funcionou no dia da ação. Então foi legal, porque as torcidas viram que podia se fazer alguma coisa impactante. E, logo na sequência, acho que nós ajudamos um pouquinho com a queda do Ricardo Teixeira. Nós participamos, um dedinho nós tivemos. Porque foi bem na época das denúncias e quando a gente fez, eu vi vários usando a nossa ação no discurso. “Olha lá, olha lá, o torcedor não está te querendo.” Mas éramos nós que... Legal, a experiência hoje... Hoje as torcidas vêem que podem se organizar e fazem. Hoje tem já outra entidade, a Anatorg. Apesar de as torcida insistem em só se encontrar com a estrutura do Ministério dos Esportes, que é um grande erro, porque as torcidas têm estrutura para falar: “Vamos bancar um encontro e vamos nós discutir. Vamos nós trazer eles para pautar eles.” Não, a gente é chamado em um ambiente onde a gente não fala, não tem espaço para ideias e propostas. O encontro tem que ser fomentado as ideias e propostas. Não, no encontro no Ministério dos Esportes de um lado é reclamação de torcida e eles passarem o que eles têm de novo na questão legislativa, que sempre tem alguma mudança e tal, sempre tem algum promotor para palestrar para a gente, algum estado. São agendas que eu já... Convidados dentro do Gaviões para eu participar, para os presidentes, que eu me nego a ir.

B.H. – Por conta de não...

W.R. – De não ter proposta, não ter ambiente para falar. Prefiro pegar uma ideia e ir em um promotor, no particular e levar ele. Falar: “Olha, tenho uma ideia.” Do que ir lá tentar debater com ele em uma coisa que eu vou ter menos de três minutos para mim.

B.H. – Mas você mencionou que então, no início, a Conatorg foi a mobilização da rede da Gaviões com o diálogo da Independente, que tinha a sua rede, e aí vocês conseguiram costurar a Conatorg.

W.R. – A Conatorg veio em 2010, eu acho, 2009 o primeiro encontro. A articulação que a gente fez foi em 2005. Deixamos uma semente, mas nós nunca tivemos a estrutura. Quando o Ministério dos Esportes promoveu, primeiro encontro... Quando, na verdade, foi aprovado o estatuto [inaudível], do Estatuto do Torcedor contra as torcidas, isso aí mexeu com as torcidas,

aí que se organizar... No Rio já estavam tendo a ideia da federação, aqui nós já tínhamos muitas ideias antigas, sempre nos reunimos. Foi aí nesse momento do estatuto. Aí, logo na sequência, veio um encontro e aí se instituíram mesmo.

B.H. – Porque no fórum [inaudível] você insinuou que a Mancha Verde já estava com vocês.

W.R. – Já. Quando eu assumi a presidência da Conatorg, pelo pouco espaço de tempo... O que foi também uma discussão. “Quem assume?” Se é o Pulguinha mesmo e tal, sabe? A Conatorg não foi nem registrada. Não tinha um estatuto, não tinha uma coisa, não foi legalizada. Então também eu não ligava muito para isso, entendeu? Porque negócio do presidencialismo, eu não ligava. Eu estava participando da mesa com grandes lideranças, entendeu? Então para mim não... A gente tomava meio que uma decisão coletiva entre alguns. A direção, tudo era tomado entre os Gaviões, a Mancha, Dragões, a Fanáticos, a Força do Goiás. Tinha alguns que eram membros da diretoria, que essa representação participava mais. Mas eu e os Gaviões, a Mancha e a Dragões meio que tocavam. E nessa agenda que a gente conseguiu desse debate lá em Brasília, que a gente promoveu, a gente fez um encontro paralelo sem convidado algum. Eu organizei isso aí lá para a gente tirar essa pauta mesmo. E aí a gente conseguiu tirar esse Ricardo Teixeira. É o que as torcidas hoje deveriam... Pode usar a agenda e a estrutura do Ministério dos Esportes. Mas tira uma conversa paralela, tira alguma... Mas essas experiências são novas para a gente, entendeu? A gente ainda vai achar, ainda vai ver grandes ações das torcidas pautando os equívocos do futebol brasileiro. Eu sei que vai, porque já tem tudo para acontecer. Quando as torcidas dirigentes falarem: “Vamos bancar essas passagens, pelo menos as grandes torcidas, vamos fazer, vamos fazer fóruns dentro dos estados, depois a gente vai e faz os nacionais, mas vamos bancar isso. Vamos trazer o setor de segurança para ouvir as nossas propostas.” A gente, sabe, inverter um pouco a questão, ser um pouco mais ouvido. E outra, tem que achar uma coisa que... Pode ter mil federações. Se não tiver uma proposta razoável para a prevenção da violência, a gente vai ficar no mesmo contexto anos, anos e anos. É o que eu falo para todos os amigos e líderes de torcida. E é possível. É possível fazer.

B.H. – E o fato da Conatorg ter de desmobilizado, ter acabado de dissolvendo, você acha que tem a ver com o acirramento da rivalidade aqui na cidade de São Paulo que começou em 2012, 2013?

W.R. – Sim, total. Total. A Conatorg era dirigida por mim, o André da Mancha e o Andre da Dragões, com outro do Goiás. Mas aqui em São Paulo nós tivemos grandes problemas entre a nossa entidade e a Mancha, não é? E a gente estava tendo como direção da Conatorg, a gente tinha que compartilhar de muita relação, de diálogo. O André é um cara super bacana, convivi com ele um tempo e a gente chegou a fazer viagens para outros estados, tudo junto, para conversar com torcida e tal. Então é assim que você cria um vínculo de respeito pelas pessoas. Você vê que, na verdade, cada um torce para um time, mas todo mundo, para estarem ali na frente de suas grandes entidades, são bons seres. Se não você não consegue estar tanto tempo segurando esse rojão, sabe? A gente compartilhou de muitas coisas, de muitas ideias pelas torcidas, e quando a gente viu, as nossas torcidas eram um grande fato de problema. Então não tivemos condições de a gente sentar para continuar conduzindo os trabalhos. E foram fatos graves. Gravíssimos.

B.H. – Acabou morrendo por conta dessa...

W.R. – Sim, sim. Eu como liderança dentro dos episódios, meio que eu fiquei vendido, aí não dá. É aquela coisa. Liderança que você não confia, você... Então Gaviões tem problema com um ali, a Mancha com outro, o outro com outro, então fica difícil, sabe? A Jovem do Santos com outro, aí não senta com aquele. Então é muito difícil a gente manter a coisa andando a longo prazo, sabe?

B.H. – Porque nos anos 1980 tinha existido a Atoesp também. Agora, parece que essas entidades, elas sempre têm esse desafio. Quer dizer, as lideranças conseguem ter um entendimento mas, chega na base, a rivalidade é o que prevalece.

W.R. – É, a Atoesp eu lembro, eu vi de perto, eu participei das reuniões até. Eu lembro. Eu ia nas reuniões com as minhas lideranças. Com o Metaleiro, com o Dentinho, com o Jamelão. Por andar muito com eles, eu fui na reunião que a Atoesp voltou em 1995, depois do episódio do Pacaembu, que voltou a Atoesp. Eu participei dessa reunião, foi na Camisa 12, dirigida pelo Cosmo, Vila Maria, Metaleiro, Serdan, Moacir, Marcelo da TUP, só grandes lideranças. E conseguiram, na verdade, fazer um grande debate na época, só que naquela época era tudo um baita jogo orquestrado contra as torcidas, então o Cosmo, Vila, na época ia falar pelas torcidas, iam em mil debates, inicialmente só tomavam pau. Não tinha espaço, a imprensa...

Depois de um ano naquele fato, eles conseguiram ter muitos espaços abertos e acho que mostrar um pouco como foi aquele episódio daquele jogo. A falta de organização para ocorrer aquela bagunça. Mas aí as torcidas já estavam punidas. Mas a Atoesp foi meio que responsável para articular a reorganização da volta. Mas com o tempo... Mas morreu, mas não por problemas de violência. Essa foi uma experiência legal. Foi por... Ficou três anos atuando, mas depois cada um já estava tentando voltar individualmente. Os Gaviões entraram na justiça individualmente, a Jovem tentou entrar na justiça meio que... Não entramos em coletivo. Então cada um... Mas tinha um diálogo, mas tinha um diálogo. Tanto que em 2002, baseado na experiência da Atoesp, a gente fundou também uma coisa aqui em São Paulo, que foi o MTO. Movimento de Torcidas Organizadas. Isso fui eu que, baseado no que eu tinha visto da Atoesp, aí as necessidades que a gente estava tendo na época. Nos Gaviões o presidente era o Pancho e meio que eu cuidava com o Pancho desse batalhão de coisa preventiva. Eu já era muito ligado a isso. Propus ao Pancho de a gente voltar com a entidade. Ele chamou uma reunião com essas lideranças antigas, aí eu apresentei o projeto e na outra reunião essas lideranças antigas trouxeram as lideranças mais jovens, que eram da minha faixa etária, cada um já com liderança dentro da torcida. Foi onde eu conheci na época o Jânio, na Torcida Jovem o falecido Conguinho.

B.H. – Independente tinha alguém?

W.R. – Naquela época, por a gente ter muitos problemas com a Independente, nós, a Mancha, a Independente foi excluída do processo. O que, na verdade, eu avalio hoje como um grande erro. Mas, na verdade, não tinha, realmente, um diálogo. Nenhuma parte, sabe? Então eles não participaram. E lá a gente ficou também uns dois anos com esse trabalho. A sede era de frente com os Gaviões, dentro da sede dos Gaviões, em uma casa nossa. E a gente cedeu o espaço para ser sede das torcidas. Então semanalmente tinha todas as lideranças das torcidas na nossa porta. Então dentro dos Gaviões a coisa foi muito viva. A gente conseguiu ficar um bom tempo com um trabalho aqui preventivo funcionando, assim, ao pé da letra. Porque é tudo fase, mas aquilo funcionou quase dois anos. De coletivos massivos se encontrarem e falarem: “Vai vocês na frente, eu vou depois.” Foi uma experiência bacana. Funcionou tanto, inicialmente, que a gente já começou a fazer reunião para as lideranças nos bairros, nas regiões, para tentar já atingir onde era o problema. A gente nem tinha o preparo, mas fizemos lá muitas grandes reuniões com as lideranças das regiões e tal. Tive uma experiência de dar uma reunião na Mancha para mais de 400 caras da Mancha. Foi uma coisa que foi marcante para mim,

interessante, porque eu falo muito com o público dos Gaviões, mas ali eu estava falando só com a nata da Mancha Verde. Inicialmente, todo mundo com [inaudível] contrariedade de eu falar pelo movimento dentro da sede deles. E eu lembro, na época, que o Serdan foi quem falou: “Não, tem que falar.” É legal do jeito que terminou a reunião, porque nós saímos da reunião com muita interação. As lideranças regionais deles interagindo muito, querendo que o trabalho fosse para as regiões deles, com as lideranças nossas e tal. Foi difícil eu sair de lá, da Mancha naquela noite. Por causa de tanta [inaudível] positiva, tanta liderança queria propor ideia e pegar contato. A gente anunciou bem. Mas depois também, por problemas entre as partes, aí a gente cai no... Por isso que eu acho que a Fetorg funciona bem. Porque eles são pessoas que passaram, têm um respeito na torcida, mas eles não vão estar lá nos episódios, sabe? Não que eu vou estar lá em algum episódio, mas se você não está, você vive o dia-a-dia da torcida com provavelmente quem esteja, então... Eu não estava no episódio da torcida que acirrou a coisa quando acabou a Conatorg. Mas, mesmo assim, por viver a torcida muito intensamente, você perde um...

B.H. – Toma as dores, não é?

W.R. – E assim a gente vai caminhando, sabe? Por hoje até a Anatorg ser conduzida pelo André da Dragões, eu acho que vai prosperar um pouquinho mais. Vai.

B.H. – É um ponto, Pulguinha, que sempre aparece aqui nos nossos debates. Você acha que as lideranças têm controle ou não sobre os associados? Isso pensando porque hoje a dinâmica dos conflitos está muito espalhada nos bairros. Você tem essa dificuldade? Mesmo da distância. No teu ponto de vista, é possível que as lideranças que estão na sede, estão na quadra, tenham alguma atuação para contornar, minimizar essas...

W.R. – É aquela coisa. É um conjunto de questões para você ter o controle. Primeiro, para você ter o controle, você tem que se preocupar com a pauta da prevenção dos problemas. Tem que ser uma pauta... Quando a gente passou na experiência de estar na frente dos Gaviões, para mim, era prioritária. Então a gente tinha uma boa presença junto ao setor de segurança. Boa presença no sentido de ideias, de estar lá propondo. A gente, na época, conseguiu instituir, dentro do Procon, uma câmara técnica do direito do torcedor. Então nós tiramos meio que o debate só da Polícia Militar e federação. A gente não, a gente trouxe outros setores para debater

com a gente e propondo muita ideia. Porque a gente vive a questão, então a gente, se as lideranças que vivem a questão querem ver a coisa organizada, dá para você propor muitas coisas. E até atuar em conjunto com o setor de segurança, que eu acho que tem que ser uma conexão. Então na época a gente tinha uma boa parceria. Eu falo parceria porque eu enxergava como parceria com o Coronel Marinho, que hoje está na federação, foi um ótimo comandante desse batalhão. Para mim, um dos melhores. No sentido de trabalho preventivo e o preventivo dele era o diálogo com a gente e a liberdade para a gente organizar nossa torcida. Eu vejo muitos comandos que passaram no Choque, que é o órgão que trata com as torcidas, os comandantes têm uma linha super boa, mas na hora prática, quando estoura o problema, os seus comandados, os tenentes, os capitães, não dão liberdade para você conduzir a situação. Eu, quando era liderança, você vive o momento da torcida massa e tal. É o que eu falava para eles: “Me dá 10 minutos. Se a gente não reverter, vocês intervém.” E a gente conseguia reverter. Então a gente tinha um... A gente propunha isso porque a gente sabia que isso funcionava. Então a gente vinha com muitas ideias, era ouvido, tinha um outro lado que era ouvido pelo Coronel Marinho. Na época peguei muitos anos de promotores... Esse negócio de promotoria com torcida começou com a gente. E a gente pegou logo o hoje deputado Fernando Capez, que tentou extinguir a gente por anos. No final do trabalho dele, ele preferia sentar com a gente e: “E aí? O que a gente vai fazer junto?” Porque ele viu que não dava caminho extinguir. E ele também foi muito criticado pela linha de trabalho. Quando ele mudou a linha de trabalho dele, ele teve um pouco de sucesso.

B.H. – Depois do Capez já foi o Castilho, ou teve alguém nesse meio termo?

W.R. – Não, aí depois o Paulo Castilho, que veio na... Porque tem a promotoria desde... Ele vem já há alguns anos atuando com a gente e tal, mas tem promotor que fica atrás da mesa. E o Paulo Castilho, ele começou atuando com a gente, que eu conheço ele desde aquele episódio do Pacaembu, do River Plate, que foi uma baita tragédia. Eu conheci ele naquele episódio. Logo naquele problema. Ele quis conhecer as torcidas, ele quis conhecer a cultura de organização da torcida. Ele não veio com uma visão, falar: “Não, eu vou corresponder a grande mídia, ou quem... Eu vou é massacrar, eu vou é extinguir.” Ele falou: “Não, para eu tentar fazer alguma coisa, eu vou tentar entendê-los.” E hoje ele consegue ter uma noção das contradições, ele consegue ter uma noção de quando está errado ou não. Ele já até pré julga antes do jogo.

“Polícia não vai conseguir organizar.” Foi o que ele fez no Parque Antarctica. Então ele já conhece um pouco da prática. Um pouco, não tudo.

B.H. – Vamos fazer só uma pausa para trocar...

[FIM DO ARQUIVO I]

B.H. – Bom, então a gente falava da relação das torcidas com a promotoria pública, no caso do Castilho. Então, a princípio, você tem uma boa visão da maneira pela qual ele vem encaminhando essa relação, estabeleceu contato.

W.R. – É aquela coisa, ele faz o papel dele. Em qualquer setor na sua área você quer crescer, você quer trabalhar com bons resultados. Sei lá, cada um tem um jeito, uma maneira de enxergar as coisas, não é? Mas na questão dele com as torcidas, ele conheceu tanto o nosso... E a gente deu tanta liberdade, que acho que é o justo das partes, como a gente tem que conhecer também o... A maioria das pessoas que tratou com a gente na prevenção e foram os melhores foram os que deram mais oportunidade para a gente, no bom sentido. Deram créditos, na verdade, também. Apoiaram ideias nossas, sabe? Mas aquela coisa, você está em uma boa ideia, em um bom trabalho de confiança, aí acontece um problema grave, que a sociedade não... Então eles têm que recuar, eles recuam. Não tivemos ainda uma experiência de falar: “Não, entendemos, ali foi um erro, momentâneo, mas nosso trabalho continua.” Não. Todas as vezes que acontece algum problema, todo mundo recua, sabe? Isso que é a maior perda do trabalho. Mas ele é uma pessoa que ouve, que é aberta a ideias. Eu acho ele positivo nisso. Diferente com hoje. Hoje são vários promotores que lidam com torcida. Tem um que cuida do grupo de crime organizado, o outro infância e juventude. Cada um tem um papel, parece que é um grupo. Mas, no final de tudo, é um que... Eu não consigo, até hoje, nós, como torcida, não conseguimos meio que entender essa formação. Aí uma hora a gente vê o promotor Senise falando. Até recentemente a gente via o promotor Thales falando por torcida. Ele é de infância e juventude, mas estava trabalhando com a gente. Bom, porque, na verdade ele vinha para a prática. Ele saía de trás da mesa e: “Não, eu vou lá na torcida, vamos trabalhar isso.” Cansou de ir nos Gaviões, na Dragões, na outra. Fazia reunião com a gente. Então alguns ajudaram, alguns só prejudicam. Sei lá se é para mostrar um resultado para a sociedade, ou realmente não conhece, não gosta, ou é a maneira de enxergar nós dentro dessa classe de sociedade. Eu não sei. Mas o Castilho,

dentre todos que passaram, do diálogo é o melhor. Mas, ao mesmo tempo, é o que mais conheceu e é o que propôs hoje o que prejudica todas as torcidas, que é o parágrafo A e B. É o tal de TAC que você... O Termo de Ajustamento de Conduta, uma coisa super equivocada na maneira que ele foi aplicado. Aqui em São Paulo a gente foi obrigado a assinar isso. Não teve um diálogo prévio. Uma multa estipulada que a gente não discutiu valor nem nada. No Rio de Janeiro, como já tinha a Federação lá, lá eles conseguiram mudar boa parte dos termos. Se hoje, se tem que pôr um Termo de Ajuste de Conduta para compromissar a torcida na sua relação... Porque isso é para se compromissar, o termo que o Ministério Público faz com qualquer setor da sociedade é para você assumir um compromisso. Eu faria um TAC para eles muito melhor. *Muito* melhor. Onde as lideranças assumissem responsabilidades no seu processo organizativo, não responsabilidade de culpa. Que lógica maravilhosa! Isso é só para na segunda-feira do problema, como você não tem a lógica de prevenir, você ter a lógica de culpar. Desculpa, isso não vai mudar a violência em nada. Só vai mudar o resultado e você falar: “Igual.” O episódio recente, para a promotoria na segunda falar: “Seis torcedores vão ser afastados dos estádios.” Tinha 300 brigando, com imagem só foram seis identificados? Péssimo resultado. Começa por aí. Tem muitas maneiras de você compromissar as lideranças de torcida, de uma maneira que ele concorde, porque você vai, se você souber, você compromissa ele no processo organizativo dele mesmo. Mas não, hoje quer que a liderança se comprometa em assumir todas as cagadas, sejam elas... E as cagadas, elas podem ser resultado de uma falha do setor de segurança, falha de logística dos meios de transporte, pode ser um [inaudível]. Não somente culpa da torcida. Eles conseguiram só pôr o sentido da culpa, então... Mas não vão acabar com o problema da violência. Estão longe disso.

B.H. – Pegam seis, mas no jogo seguinte estão os 300 lá de novo. Não tem o efeito intimidatório que, a princípio...

W.R. – É, isso não é lógica, não é? Isso não é lógica de... Não tem controle para... Tudo bem que os mais frequentes a polícia acaba até conhecendo do dia-a-dia. Uma convivência de quarta a domingo, permanente. Acaba conhecendo. Mas se o trabalho fosse inteligente, você comprometeria esses quadros de liderança e até os que estão atrás para se organizar em uma logística positiva, em uma coisa positiva. A violência vai acabar? Não vai. Porque vai ter problema, a gente ainda vai ter falha em uma escolta policial, como a gente já viu o problema de ter, porque são seres atrás dos trabalhos, então vai ter uma falha de comunicação ali que ocorre um encontro de torcida. Vai ter ali uma falha de comunicação no meio de trem, CPTM,

metrô, na falha de segurança, que pode ser que encontre sim um grande encontro de torcedores vindos do Brás e outro do ABC, ou da Zona Oeste passando no Brás. Pode ser. É risco? É risco. É jogo de massa e aquela lógica de muitos, até da polícia. Qualquer evento de massa você tem um potencial mínimo já de risco. Qualquer um que lida com massa, eu acho que você tem que enxergar assim sempre. É um encontro de massa, você já tem um ponto mínimo de risco. Não que você tenha que perder a cabeça, mas você tem que ter qualquer tipo de cautela. Isso é uma coisa que eu aprendi sozinho, como liderança da torcida. Seja um evento na minha entidade, seja a gente se locomovendo para um lugar de forma massiva, você tem que ter precaução e preocupação permanente.

B.H. – Hoje que lugares você considera os mais problemáticos de confronto de torcida?

W.R. – Você vê que a nossa lógica é tão bagunçada, que eu vou te falar que... Lógico, tem os mais problemáticos, que a gente vai chegar lá com problema, risco, a maioria dos estados brasileiros. Risco maior mesmo acho que é Belém do Pará. A gente tem lá uma conturbação com a torcida do Payssandu, que é uma coisa que nem... É uma leitura que nem os órgãos de segurança lá têm. Os daqui têm, os de lá nem têm. E lá é uma cultura bem mais violenta que aqui, não é? Então aqui, o que já é muito violento para a gente, imagina lá. A gente chegar lá. Todas as vezes que a gente foi lá, todas as vezes a torcida do Payssandu tentou dar tiro na torcida do Corinthians. Olha como que é a lógica. Tiro, tiro. Arma de foto. Aqui as armas de fogo aparecem, mas é uma para tantos anos, não é? É já uma coisa que estamos vencendo ainda. Lá não. Lá eles têm muito para começar a pensar nisso. Lá a coisa é bem... Então no último jogo a gente teve que... Foram 100 associados de avião. Com uma coisa organizada lá, com policiamento, para ter escolta e tal. Porque se não ia ter problema. Muitos problemas. Mas tem muitos estados que se a gente não se organizar, se a liderança da torcida não tiver um bom diálogo com a outra torcida, sabe? Ou não tiver com policiamento, ou uma preocupação para você se organizar, ah, você vai ter problema. Você vai ter problema. Eu fiz uma experiência. Na série B todos os lugares que a gente viajou com torcida adversa, eu falei com os presidentes antes. Todos, todos, todos os lugares. Tirando...

B.H. – Então foi 2008 que foi o ano...

W.R. – É. Tirando Natal, que eu não fui, eu não fui para essa viagem, que a gente teve um grande problema lá, todos os outros estados que a gente foi, a gente não teve problema nenhum com a torcida adversária. Nenhum. A gente fez um trabalho preventivo com eles. Eu ligava e: “E aí! Vou preparado para a guerra ou vou preparado só para ver o Corinthians?” Os caras

davam risada. Porque já conheciam por causa dos encontros. “E aí, meu? Quero assistir o jogo, cara. E eu acho que é série B, você também quer que seu time venha para São Paulo.” De torcida que nunca viria aqui encontrar nós. “Vem para São Paulo que está tudo garantido.” E como a gente tinha já um espaço para propor essa proposta, a gente foi em muitos estados que a gente chegaria lá do jeito que a gente chegou, com 40 pessoas, mas a gente ia ter problema, hein. Ia. Tipo Fortaleza. A gente ia ter problema com as duas torcidas, do Fortaleza e do Ceará. A gente fez um trabalho preventivo que eu nunca tinha visto isso. De a gente chegar lá os diretores nem estarem perto e passar aqueles coletivos da torcida do Ceará, mais de 500, parar cumprimentar a gente, falar: “Não, tem um trabalho feito.” Eu nunca vi isso. Nem aqui. Umhas experiências engraçadas. A gente fazia isso, a mesma coisa, com a do Fortaleza. No mesmo estado. “Mas você dialoga com o outro? Com a nossa inimiga e você quer dialogar com a gente?” “Sim, quero dialogar com vocês, com a outra, com a outra do outro estado. Eu vou dialogar com todo mundo. Quero saber se eu vou entrar em um estádio aí e qual o clima que você propõe e qual é o clima que a gente tem viver nos dois jogos.” Porque são dois jogos. Aí, no final, a gente se encontrava, porque, na verdade, quem tem responsabilidade atrás quer, na verdade, viajar para ver o seu jogo. O bem estar do seu sócio e vencer aquela maldita série B. Então como eu já tinha também um histórico de ter um diálogo, facilitou, logicamente. Se você é uma liderança que está envolvida em vários problemas, para você ligar lá para falar com outro presidente... Para mim é uma história que facilitou e eu consegui. Falei: “Vou ligar para todos. O não eu já tenho. A dúvida do problema eu já tenho.” Tirando Natal, que eu não fui, e aí eu não fiz esse preventivo e os meninos não quiseram fazer, nossa, aí eles em 15 caras tiveram que sair brigando lá com uma multidão, mas...

B.H. – Teve uma época que aquelas divisões, punho cruzado, punho colado, dedo vazio, isso um pouco estruturava. Hoje isso ainda faz sentido? Porque você, em princípio, não se aliou em nenhuma delas.

W.R. - Nenhuma. Eu quando fui vice-presidente, eu tinha diálogo com muitas torcidas. Muitas. De muitas diretorias e nos Gaviões. E eu ia em muitas torcidas. Eu tipo meio que quebrei um protocolo disso e daquilo, porque eu acho que os Gaviões são muito grandes. E as nossas pautas muito maiores. As nossas necessidades, nem se fala. Então se eu for enxergar por isso, a outra cola com a outra... Não, ao contrário. Eu queria mesmo, eu pedia para eles: “Quando vai ter um encontro disso aí? Dessas 20 torcidas aí?” Tanto que a Fanáticos me abriu um espaço, eu

cheguei lá, tinha 20. Na festa do Botafogo tinha 50. E eu falei com todas. A primeira foi a do Vasco, sem exceção. Ao contrário, eu fui lá para falar com a Força Jovem do Vasco na época.

B.H. – Mas aí eles receberam? Não acharam estranho? [riso]

W.R. – Não, porque a ideia que eu estava propondo já era conhecida por todos. Por todos. A Independente passou a sua relação de punho cruzado na época. A do Botafogo passou para aquela outra linha, que vinha... Antes de a gente se aproximar mesmo com a Fúria, eles meio que ainda estavam naquela linha, mesma linha que a do Palmeiras. Então abriu muito diálogo. Muito, muito, muito. Para mim, é ao contrário. Essa linha toda de aliança ajudou. Mas também de a gente ter... Payssandu: a gente nunca teve uma origem de um problema. Eles atacaram a gente a primeira vez por causa dessa relação de amizade deles, que eles têm com o Palmeiras e com outras que não gostam da gente. Porque não tem um motivo que nasceu um problema.

B.H. – E sub-sede? Na Gaviões funciona? Vocês vão em outros estados, tem o pessoal da Gaviões lá ou isso...

W.R. – Funciona. Funciona. Uma coisa bem conturbada, a gente não tem uma política de como se abre uma sub-sede. Até hoje, se você for nos Gaviões lá e perguntar, se você falar com 10 lideranças, cada um vai te responder de uma forma. Se bobear, até alguns vão criticar sub-sede, ter sub-sede. Mas enxergo como uma coisa muito simples. É um braço agente, em uma região distante, para se organizar, praticar os valores que a gente reproduz aqui e se fortalecer lá para vir para cá. É só uma extensão. Jamais ter uma voz na frente ou individual. Se quiser ser uma coisa paralela, já... Entendeu? É mais para facilitar e ter a ponte com a casa mãe, não é? Tipo uma sede em Guarulhos, que é uma cidade muito grande, nós temos quase 15 mil associados. Então se organiza para a nossa camada de sócios de lá vir junto para o jogo. Até antigamente a gente não tinha essa necessidade. Outras torcidas foram pioneiras nesse negócio de região. Em pôr nome mesmo, sabe? Principalmente do Rio. Para a gente foi uma barreira. Mas para a gente também é velho o pessoal da região, aquele pessoal do Capão, o pessoal do ABC, isso também é antigo. A prática de se juntar e ir o coletivo para dentro da torcida. Quando a nossa geração, já era a gente que cuidava das responsabilidades, e a gente pegou aquela fase da extinção das torcidas, não é? Noventa e oito... E a gente já como liderança, organizando, pelo menos para dentro dos Gaviões, a gente fez uma avaliação que a gente estava com uma relação zero. A gente frequentava a quadra com 25 pessoas, o associado, cada um na sua casa, a gente sabia que vários coletivos se organizavam aqui e ali, mas nos seus bairros e a relação de sede com bairro era muito distante. Não tinha. E aí a gente propôs, eu e um amigo. “Vamos fazer um

trabalho de região.” Dentro dos Gaviões o cara falou: “Você é louco, Pulguinha.” Falei: “Não, a gente vai trazer esses caras para dentro.” E era uma coisa nova. Foi um laboratório, porque quando a gente começou a fazer isso, a relação das lideranças da torcida para a visão para o cara de bairro, para o associado, era muito ruim. Hoje o associado já vai na quadra, ele tem um diálogo com a liderança fácil, fácil. Naquela época, para você ter um diálogo com o Dentinho era muito difícil. Para você ter um diálogo com o Metaleiro, com o Julião, com o Magrão, era muito difícil. Para você ser aceito no meio, sabe? Eu tive que frequentar muito para cair na... Aí eu também tive a facilidade porque minha mãe era já íntima de amigos e muitos... Meu pai e tal. Mas o cara chegar do zero lá, demorava muito você cair na intimidade. Eles tinham que ver você muitas vezes lá. Era muito mais difícil. Hoje é tudo mais fácil, sabe? Dá para você aplicar as coisas de forma bem mais... Tudo de forma mais dinâmica, mais fácil.

B.H. – Então dessas sub-sedes hoje uma das mais fortes é essa de Guarulhos.

W.R. – Não, a mais antiga é a do ABC. Porque tinha, na época, quadros de liderança dentro dos Gaviões que eram do ABC.

B.H. – O próprio Dentinho...

W.R. - É, o Dentinho era de São Caetano e tal, mas ele não... Ele era mesmo frente da sede mesmo. Mas tinha outras lideranças que eram de lá, vinha um time muito forte de lá, de associados e foi uma das primeiras sub-sedes que foram pedidas. “A gente vai abrir lá um lugar para a gente se encontrar e vir para cá.” E aí foi o ABC a primeira. Aí depois de muitos anos vieram muitos coletivos tentando. Guarulhos, Brasília, Piracicaba, são coletivos antigos da torcida que muitos anos tentando. O Dentinho, aí os caras: “Não, não, não.” E aí, quando a gente já cuidava meio que da frente da torcida, a gente começou a tender a ter um outro tipo de visão com isso. Trazer para dentro da quadra esses coletivos e começamos a legalizar. Tanto que hoje nós temos quase 15 sub-sedes. Acho que umas nove eu quem abri. E apresentei o projeto dentro do conselho, sabe? “Olha, gente, vamos abrir a sub-sede tal, porque...” Tipo, Guarulhos ajudou também porque tinha o Herbert, que era grande liderança dos Gaviões. Depois veio até a ser presidente. E era de lá, então tem uma grande liderança puxando. Facilitou. Brasília os meninos não tinham uma grande liderança. Ficaram 15 anos viajando para cá. E fazendo frequência, tinha um esforço. Para depois aí a gente trabalhou, atendeu. Piracicaba também muitos anos. E assim foi. Hoje não precisa de tanto tempo. Hoje se o coletivo estiver próximo para dentro dos Gaviões, próximo e atuando, e tiver uma linha de conduta que respalda a nossa linha de organização, aí a gente dá atenção para, primeiro,

conhecer, não é? A gente tem que conhecer. Então se a gente não conhecer, não tem conversa. Conhecer as pessoas mesmo, quem é, o que faz... Conhecer mesmo. Se a gente não tiver intimidade com... Não...

B.H. – Como é no momento, por exemplo, de um grande jogo, um clássico, você tem todas as sub-sedes, todas os associados querendo ir. Como é que as lideranças fazem para justamente atender e você tem, sei lá, uma cota de dois mil ingressos. Para quem você dá prioridade? Deve ser uma saia justa nesse momento.

W.R. – É, com o tempo a gente já ajustou isso aí. Hoje nossa metodologia é o que? Uma parte dos ingressos é para os coletivos organizados e a gente tem uma grande parte... Igual eu. Eu não entro em coletivo nenhum. Eu sou uma pessoa que vou com meu nome individual na lista. No processo organizativo. Então a gente tem uma grande parte das pessoas que é nome individual e uma parte que é os coletivos. E aí hoje a gente já encontrou nosso equilíbrio de proporção de números. O coletivo é conforme a proporção de organização. O ABC. O ABC tem todo um conceito, não é? Para ter um respaldo nosso. O ABC é um coletivo forte, antigo, muitas lideranças e tem um bom número de associados. Aí a gente respalda com um bom número. Guarulhos em segundo, porque é um bom número de associados e tal. E assim vai. Hoje já tem coletivos na torcida que é atendido com grande número, mas são coletivos meio que recentes. Mas é porque faz um bom trabalho. E participa de tudo. Vai para o jogo, participa, sabe? Meio que participa de vários trabalhos. Então hoje nós temos um equilíbrio, não é? “Tipo Osasco, bom trabalho, aí tem um número de contingente bom. Ah, tal coletivo é menor. Ah um coletivo nascendo, começando. Aí começa do zero. Vamos começar a dar oportunidade para se organizar.” Porque se você der 50 ingressos, qualquer região leva 50 pessoas. Se o cara tiver ainda arena, coisa nova, todo mundo quer conhecer. Você vai ter 50 corinthians para ir. Hoje a gente já dificultou um pouco a coisa. Para pegar esse ingresso da organizada, o cara tem que ser sócio da organizada. Então antigamente era diferente, a gente passava 200 ingressos para usar. Só que os caras traziam 200 corinthians fácil para o jogo. Fácil. E eles são uma ponte, os coletivos são uma ponte das nossas coisas lá na região deles. Então o cara não precisa ir para a bilheteria, não é? É uma porcentagem minúscula que não vai precisar ir para a bilheteria, brigar e tal e vai pagar o ingresso do mesmo preço da bilheteria, porque não tem nenhum acréscimo. Os coletivos que têm acréscimo, é de entendimento comum deles. “Olha, vamos cobrar cinco desses 50 porque nós já pagamos o ônibus.” Se não for esses casos, um dos pecados capitais é você alterar o valor do ingresso. Então o cara está lá em Osasco, chega o

ingresso na mão dele, ele sabe onde o pessoal se organiza. “Vou lá ver se tem ingresso.” Esses coletivos, para muita gente, são uma facilidade. Na cidade dele, na região dele. O cara que não tem tempo de ir para a torcida e tal, para os associados. Fala: “Ao invés de ir lá na sede, eu vou aqui na liderança, que se encontra ali. Vou pagar meu ingresso.” Os coletivos começaram a funcionar como uma extensão. Ele tem que ser uma extensão nossa. Se ele quiser ser independente de nós, sendo sócio dos Gaviões, pegando nosso ingresso... Quer dizer, não tem nem essa ideia. Nem funciona, nem consegue funcionar.

B.H. – Você falou desse ajustamento dos Gaviões com os associados. Por sua vez, no ingresso, como é que é o ajustamento com o clube, porque vocês também têm que negociar o número de ingressos que vocês vão ter. E dependendo de um jogo como, por exemplo, o que aconteceu domingo, quer dizer, ali a distribuição dessas organizadas, cada um queria sua cota. Como é que vocês estabelecem?

W.R. – Hoje tem o Fiel Torcedor, então não tem essa que hoje a gente só atende organizada. Uma, com o novo programa de sócio... Antigamente o clube... O que acontecia? “Ah, vocês querem dois mil?” A gente pegava o ingresso, repassava, na segunda-feira pagava. Hoje não. Hoje a gente paga antecipado. A gente tem um limite atrás do nosso setor. A gente tem um limite de sócio cadastrado no Fiel Torcedor Organizado, então não é o que a gente escolhe. A gente tem um limite de compra através dos associados e a gente paga antes como todos os corinthianos, sabe? O único benefício nosso e tal é porque a gente está pagando o setor mais barato. Porque a gente faz toda prática que todo mundo faz no Fiel. E a gente paga antes. Então assim, hoje, como é que é para dentro da torcida? Se o nosso jogo é quarta, todas as regiões e associados têm que pagar isso na segunda. No mais tardar na segunda. Terça já era. Se o nosso jogo é sábado ou domingo, ele não pode vir pagar até quarta. O pessoal está todo mundo mexendo só com aquele jogo. Você tem que ir na quinta-feira procurar o pagamento até duas da tarde, porque a liderança, se ele receber lá em Guarulhos, um vai trazer para a sede para pagar na sede. E não tem negócio de banco, não. Alguns [inaudível] têm serviço para facilitar, mas o cara que [inaudível] da região, tem que... Já tem na organização dos coletivos, nós vamos nos adaptando na forma de... Então hoje já todos os coletivos e tal, como dentro da torcida, tem um setor que cuida do ingresso. Porque isso aí é um serviço que não pára a semana toda. Diferente de antes que eram só dois dias. Hoje tem um setor especializado. Nos coletivos, que são nossa extensão, tem uma, duas pessoas cuidando, especificamente, diariamente também. Então o ingresso hoje para nós virou uma grande burocracia. Além de cara.

B.G. – Vocês se associam ao sócio torcedor, ou não tem nada a ver?

W.R. – Sim, a gente tem os fiéis torcedores da organizada. A gente tem que fazer o programa, não é?

B.H. – Quantos são para os Gaviões o limite?

W.R. – Olha, porque assim, a gente vai por cerca de... A gente pode comprar por jogo eu acho que até três mil. Não tem o número exato hoje. Mas acho que o total de gavião, só os gaviões que fizeram o programa, eu acho que deu uns cinco mil. Que comprem mais e tal, tem toda aquela... Mas é limitado o número, não é? E eles também, de uma forma estratégica, fecharam o programa para torcida organizada, não é? Então não é igual o Fiel Torcedor leste, oeste, que: “Ah, não, está aberto, vai fazer 170 mil associados.” Vai ir quem comprar mais. O da organizada meio que poderia ser assim, não é? Não, eles fecharam e estão lá. Nós, três mil, vivemos comprando.

B.H. – Uma cota, [inaudível].

W.R. – É, a gente compra. Eu posso ir lá, ir bem ou ir pouco. Eu vou para o jogo. Mas eu preferia que tivesse mais gente tentando e tal. Conheço muita gente dos Gaviões que tem o Fiel Torcedor de outros setores, mas queria estar lá. Mas se ele perder, ele perde o fiel dele. Um jogo que ele hoje... Os amigos agora de férias aí, final de ano, o cara que viajou, um ou dois jogos que perdeu, não ta pontuando mais, não consegue comprar um ingresso já como prioridade. O cara comprou o pacote três anos como prioridade, pagando jogo que ele não ia. Porque essas pessoas pagam jogo que elas não vão. Para você ter a pontuação, a prioridade para o jogo que você for. Na verdade, tudo tem um programa, para mim tudo é um programa elitista, sabe? Você escolhe as pessoas para irem para o estádio e a escolha é realmente um poder aquisitivo maior. Então para a gente, ainda... Nós estamos conseguindo ir, mas puta logística, puta investimento. É complicado.

B.H. – Você então está indo em todos os jogos? Como é sua frequência hoje?

W.R. – Não, não. Eu vivi intensamente 25 anos. O movimento a arquibancada, jogo e tal. Hoje eu me abduco da responsabilidade de ir para dentro da torcida. O Corinthians é diferente, é especial. A gente quer acompanhar. Mas o modelo da coisa hoje me afasta. Vários fatores que me afastam. Campeonato Paulista eu já não frequento há quatro anos quase. É um absurdo a lógica dessa federação. A federação paulista organiza o campeonato e lesiona os pequenos clubes o ano todo, essa que é a verdade. E, de contrapartida, os clubes pequenos quando estão no Campeonato Paulista, eles têm que pagar aquele projeto. E eles pagam o projeto através do

jogo contra o Corinthians, contra o São Paulo, contra o Palmeiras e contra o Santos. Aí os times grandes vão jogar nessas cidades, você vai para a cidade, você vai pagar o ingresso a R\$ 80, a R\$ 100. Até mais caro do que você paga no Pacaembu ou hoje na Arena. Então você vai pagar o ingresso lá a R\$ 80. Em um lugar, em um estádio autorizado pela vistoria, tudo, mas não comporta a estrutura do valor do ingresso. Eu nunca reclamei de ir para a Campinas, assistir jogo em Campinas pagando o ingresso que eu pagava. Mas se eu for pagar R\$ 80, R\$ 100, eu vou reclamar. Porque fora isso aí, você está pagando sua alimentação. Eu estou falando só do ingresso. Aí você vai assistir o jogo ali em Limeira, um estádio que ficou interditado lá anos, e liberou agora porque tem todo um interesse da prefeitura, política local. Vai para um grupo lá, porque no estádio não investiram em nada. E isso aí quem confirma para mim são os amigos da torcida de Limeira mesmo, sabe? Eu conversei com os meninos recentemente por causa do episódio. Ou seja, a gente fica sendo lesado pelos interesses deles, aí os clubes pequenos não têm saída. Ou seja, a gente vai viajar um Campeonato Paulista inteiro com ingresso caro. Porque todos, sem distinção, querem levantar um dinheiro contra o Corinthians. Eu quero ir em todos? Eu quero. Então para eu ir domingo para uma Campinas da vida vai ficar muito caro. Então eu me abduquei do Campeonato Paulista. Não só pelo valor. Alguns momentos tendo condições, mas de não querer ser mais um que alimenta essa política. Sei que eu não vou mudar isso, mas para mim não serve e eu não consigo reproduzir isso. Outro fator é a mudança do público no estádio hoje. É gritante para mim. Não [inaudível] a Arena, já há alguns anos que isso vem ocorrendo aqui no Pacaembu mesmo, de forma bem morosa, mas vem há muitos anos. Isso também, para mim, é meio que... Não é preconceito, não é nada, mas eu prefiro... É mais o povão mesmo tendo seu jeito de torcer. Outro fator, acho que por eu ter vivido muito como liderança da torcida, hoje eu vejo as contradições que as torcidas têm com o processo. Isso me afugenta, me tira o sono, sabe? É ver o processo da violência do jeito que estar e a gente só apanhar, as torcidas, e não avançar em uma pauta. Eu não consigo me enquadrar nas coisas, sabe? Não participar, para mim, acho que é uma coisa muito natural, mas não intervir machuca. Você ver e viver a contradição. Então tem muitas coisas que eu prefiro estar longe, tenho que respeitar tais coisas, o momento, mas é difícil você estar lá perto, vivendo várias contradições na sua cara. E eu sempre fui um cara que participei muito de... E para mim é difícil eu viver vendo na minha cara ali. Hoje eu prefiro estar vivendo outras coisas, sabe? Me abduco mesmo. Aí vem a Arena, estádio novo. Que até aí, caravana também eu já abduquei um tempinho, que eu estou bem devagar. Se eu for viajar hoje para um estado, eu penso. Ah, Rio de Janeiro? Não

vou na caravana. Não vou, não vou. Não vou no risco de tomar canseira, de ser maltratado, aqueles esculachos velhos. Não vou. Caravana, vários estados... Fui algumas aí recentes, porque queria conhecer os estádios novos. Não tenho prazer em ir para o Maracanã novo mais. Não tenho prazer em entrar no Maracanã mais. Eu vi o Maracanã. Eu não tenho para ver aquela coisa fria. Não sei como as torcidas de lá, nossa, estão conseguindo viver o futebol. Para quem viveu. Aí pega, vamos lá para o Paraná, eu já não... Eu não vou há anos. Tomei uma prisão arbitrária lá, fiquei preso uma semana lá naquele estado, sabe? Puta de uma condução equivocada do setor de segurança. Me deu mais uma experiência de vida, mas maior segurança reacionária. Nossa, uma coisa que eu não gosto. E outra, além da falha do sistema, lá não é uma grande proporção de violência. Mas puta de um negócio fácil, todo jogo tem probleminha com as torcidas de lá, que não são potencial de risco para a gente. É falha mesmo na logística de organizar em torno do estádio. Aí depois, aí sai a confusão, aí pega nosso povo e oprime. Um estado que eu não tenho prazer e foi um dos meus pioneiros na elitização do ingresso, que a gente começou a pagar muito caro. Aí eu já não vou mesmo. Primeiro, por causa do ingresso. Segundo, por causa do restante que eu vivi naquele estado, por ser a segurança muito... Não me conformo em dar dinheiro para dirigente do Atlético Paranaense. Não acho que... É uma máfia aqueles dirigentes do Atlético. Além das quatro linhas. Então tem estado que eu já nem curto ir para ver futebol.

B.H. – Rio Grande do Sul?

W.R. – Não, o Sul eu gosto muito de ir pela cultura da viagem da caravana. São os estados que a gente mais confraterniza dentro do ônibus, porque são trechos que têm vinho, tem tudo, então é uma coisa muito legal. A gente toma muito garrafão de vinho, é uma viagem legal, descontraída, e é um estado que a gente não tem muito problema de violência. Então são caravanas que podem ir mulheres dentro do ônibus, podem ir os mais jovens. Então sempre é uma caravana que a gente vai muito bem, com muitos ônibus. Por não ter esse histórico, você já vai com o coração aberto, sabendo que vamos curtir e tal. Nunca tivemos um problema muito grave lá. Chegar lá, a torcida faz um processo muito simples e as torcidas de lá também não tem uma cultura que outras têm, sabe? A maldade que outras têm. Então se torna uma coisa bem agradável.

B.H. – E até foi no Porto Alegre que começou a ideia de movimento, um pouco se inspirando na Argentina. Teve alguma repercussão no Brasil. São Paulo acabou não tendo muito, mas geral do Grêmio, a guarda [inaudível].

W.R. – Não muito em uma, porque acho que só o Corinthians que não tem ainda nenhuma oficial com a maneira de torcer. Porque o Juventus tem já, Palmeiras tem, mesmo algumas organizadas, no formato nosso, mas adotando a prática de torcer diferente. Do São Paulo eu não sabia, mas já tem alguns torcedores adotando também. Eu não sabia. Eu vi uns links na internet esses dias. E no Rio já tem. Lá no Sul quase todos os estados também já têm. Santa Catarina. Nordeste já vi movimento lá. Lá em Belém do Pará tem. O do Remo tem. Já tem uma torcida com as práticas sulistas. Para a gente, legal, eu aprecio muito. Uma, você desenha cantos que você respira, então você canta mais de 10 minutos. Essa é uma lógica muito... E às vezes até os nossos cantos mesmo a gente não consegue cantar mais, pela forma de respirar, o intervalo e tal. É só questão mesmo de... Mas a nossa lógica, a gente é daqui, a gente é de São Paulo e Rio de Janeiro. Eu acho que é muito diferente também as torcidas do Rio de Janeiro mudarem. Porque tem uma prática e tem uma cultura do samba, da batucada. Isso é muito nosso, isso é muito São Paulo. Até mais que o Rio de Janeiro, viu? Falar para você. Do jeito de bater, viu, cara? Eu acho muito mais tradicional São Paulo do que o Rio. Tem umas torcidas do Rio que têm uma batucada, assim, coisa antiga, cultura do Rio, do Carnaval, a Bota Chopp, sabe? Os caras têm um trabalho, questões de batucada, as pessoas ali que eu nunca vi... Os caras vivem a cultura deles do Rio de Janeiro mesmo, a batucada. Não sei se a do Flamengo tem isso, mas eu vi isso na torcida do Botafogo lá. A nossa mudou, com as gerações passando e tal, mas a gente tem a prática da batucada muito viva. E seria diferente a gente tirar o surdo e pegar aqueles bumbos lá, sabe? Pode até [inaudível] uma torcida com isso aqui em São Paulo. Pode até ser na torcida do Corinthians. Porque hoje é muito difícil montar uma torcida nova.

B.H. – Pressão das outras.

W.R. – É, e o espaço. Hoje é dividido tudo em cota, então quem viria montar? Sabe? Já vieram algumas ideias, mas para a gente não... Até porque também é muita ideia fútil. Tem nada de sólido, nenhum um projeto, sabe?

B.H. – Às vezes um cara que está em uma torcida não tem espaço, aí ele inventa outra para ele ter um lugar para ele mesmo, não é?

W.R. – Isso. Se for isso, a gente vai saber naturalmente. Porque a liderança de cada torcida você sabe todo o histórico. Mas pior é vir pessoas que não tem histórico de nada, sabe? É nenhuma liderança regional e querer propor isso. Nós logo enxergamos da forma mais leviana. Quer ganhar dinheiro com camisa... Porque tudo isso aí gera dinheiro, não é? Como também tem dirigente que não larga a torcida por isso. Não larga a torcida porque gera dinheiro. É por

isso que o Gaviões, eu acho que é um pouquinho diferente. Lá, além do pecado capital de você se apropriar de algo da estrutura, tem também da lógica cultural da renovação. Então são duas coisas que jamais andariam juntas. A pessoa querer usurpar e querer ter um continuísmo.

A.B. – A relação que me interessa da Gaviões com as outras torcidas hoje do Corinthians. Algumas que foram até uma dissidência de próprios ex-gaviões, ou ideias completamente diferentes de...

W.R. – Nós temos uma relação super boa. Super, super, super boa. Super boa. A 12 nasceu de um processo político dentro dos Gaviões. Mas isso realmente teve a energia das partes na época mesmo, porque desde que eu entrei nos Gaviões, e frequento estádio desde 1984, muito moleque, nunca teve. Nunca, nunca. E acho que mesmo na fundação que teve o seu debate, os seus porquês, mas a gente tem uma ótima relação para dialogar e tal. Lógico que hoje somos cinco torcidas do Corinthians. Cada um em uma sequência de... Que a gente fala moralmente, que é uma sequência, cada uma do seu tamanho, a maior, a segunda, a terceira, a quarta e a quinta. Mas aí tem aquele... A 12 é a perspectiva de ser um representante número um na arquibancada e passar os Gaviões. Tem essa vontade oculta. Como tem também da Pavilhão ser maior e ser maior que a 12 e a Estopim e assim vem. A gente já tem um problema. A Estopim e a Coringão Chopp é porque uma quer circular, os dois, na quarta colocação. Então a gente vê aqueles episódios, tipo o do Corinthians e Palmeiras lá. Não que os nossos associados não possam brigar. Podem sim. Mas hoje o risco de um associado dos Gaviões brigar com o cara da 12 é o mesmo risco do cara dos Gaviões brigar com o cara dos Gaviões. Não seria por uma política da torcida. Seria pelo individualismo mesmo que você tem hoje. Conflito ali, não quer resolver e tal. Então não tem grandes problemas. Ao contrário, tem muita facilidade de sentar e resolver as coisas junto.

B.H. – E internamente entre bairros ou alguns grupos dentro da Gaviões tem...

W.R. – Tem nada, a gente nem deixa isso aí crescer. Lógico que tem o orgulho de bairro querer ser tal, auto-afirmação, só que a nossa cultura interna, da gente ser um coro, a gente é os Gaviões, é tão forte, que não nasce aquela coisa regional como no Rio de Janeiro. Aqui, a gente não. Se o bairro quiser ser muito mais bairro aqui, a gente... Uma também, quem é liderança de bairro tem muita aproximação com a gente. E a gente com o bairro. Então seria inaceitável eu estar presente em um bairro e lá ouvir auto-afirmações maiores que se deve. E é tudo que você educa, é tudo que você ensina também. Então a gente também já criou a cultura, meio que já desenhou lá atrás preocupado com isso. Eu sei porque eu participei do começo disso. Do que

viria a ser. Então é uma lógica bem simples para eles, é só uma extensão que tem que cumprir determinados papéis e se não cumprir isso, já está fora do padrão e aí não serve. Não tem muito problema de a gente... Tem problema com isso da risca. Quando tem uma a briga coletiva [inaudível] são coletivos brigaram. A gente encerra e lida do mesmo jeito e toma as intervenções que tem que tomar. Se não der no diálogo, tiver que dar punição, pune. Se tiver que ir lá nos coletivos fazer reunião, os dois juntos... Mas a gente contorna. Todas essas situações aí são todas contornáveis. Só vira uma bola de neve... Mas nos Gaviões não viraria, porque a gente não deixaria. Porque todo mundo quer o quadro de lideranças, não só a diretoria, todo mundo em torno não permitiria e a liderança de bairro já vem educada. Para ele ser liderança ali, ele já tem que ter alguma formação e um dos conceitos é esse. Ele já sabe. Não tem como o cara amanhã querer... Cada um lá quer... Não tem como.

B.G. – Mas em relação às sub-sedes nos outros estados vocês se preocuparam em fazer alguma reunião para essas lideranças se conhecerem, ou elas só se reportam à liderança central? Elas se conhecem?

W.R. – Todos se conhecem, todos trocam experiência. Faz festa em uma, todas vão. Vai representação. E a gente faz os nossos encontros de formação também. A gente em determinados momentos do ano junta, troca experiência, faz planejamento com eles para as lideranças estarem lá e eles estarem aqui. Tem toda uma troca, mas hoje é muito fácil. Todo mundo vive os principais momentos. Então todo mundo na torcida se conhece, praticamente. O cara de Guarulhos conhece de lá, de cá, da Zona Leste. Principalmente os que cuidam das coisas. Trocam uma experiência, vai fazer uma caravana. “Vamos fechar um ônibus? Tenho 10 lugares aqui.” Como a gente tem uma lógica de se organizar e viver todo mundo para dentro dos Gaviões, então a nossa cultura é bem para se construir unidade. Não que seja perfeitamente, mas é uma linha para se construir unidade, o coletivo.

B.G. – E bom, eu queria saber um pouco da sua presidência. Você assume em 2005? Quando você assume?

W.R. – Eu acho que eu cumpri dois papéis, para mim, iguais. Dois momentos dos Gaviões. Dois mil e três, 2002, 2003, a gente era um conjunto de lideranças, não é? Ocorreu um processo dentro dos Gaviões que mudou um projeto político e, no final de tudo, isso gerou um certo conflito. E, no final de tudo, eu e meu irmão, que conduzimos de 2005 a 2007, a gente também conduziu de 2002 a 2003. Então a gente, em 2002 e 2003, a gente tinha como presidente um puta líder, que era o Pancho. Um puta líder. Cabeça, visionário. Ao mesmo tempo, com toda a

liberdade de a gente aplicar as coisas do nosso momento ali, com o novo momento das torcidas. Então a gente conseguiu fazer altas coisas. Conseguimos resgatar um diálogo que estava perdido há vários anos. Resgatar um trabalho preventivo. Mudamos a linha de relação da imprensa com os Gaviões. Fizemos os Gaviões serem mais respeitados naquela época. E nós fomos, sei lá... A gente que conduziu a torcida, independente de cargo e tal. Em 2005-2006, mesmo tendo a denominação, presidente, vice-presidente, tanto que para mim era para eu ser presidente, eu que não quis. Fiz questão que tivesse um presidente na frente. E a gente tinha feito todo um trabalho para ser... Mas não, tinha pessoas muito experientes que tinham que estar na frente.

B.G. – Porque Você tinha saído nessa época.

W.R. - Não, isso foi... O movimento veio a ser depois. Isso aí foi um movimento interno, só que a gente fez o trabalho, a gente, eu e uma equipe já éramos muito tarefeiro, liderança, opinião, já estava em ascensão em um quadro de lideranças e a gente veio para a disputa. Fizemos todo o trabalho. Todo o trabalho também de democracia para dentro da entidade, resgatar o voto com o associado. A gente que fez. A gente resgatou a democracia. Aí nos anos anteriores a isso, implantamos o diálogo amplo com o associado, através desse trabalho regional. Então a gente tinha todo o conceito de articulação. “Vamos disputar a entidade.” Tinha um projeto. “Vamos disputar um projeto.” Só que em vez de a gente executar, eu e a equipe, falamos: “Não, vamos como presidente para a gente fortalecer o nosso projeto de unidade aqui, que está quebrado.” E aí a gente abriu mão, eu e uns companheiros. “Não, vamos por outro.” Colocamos outro. Propusemos vários nomes, na verdade e, no final, veio a ser o Tonhão, que foi um grande presidente. Ele não tinha o traquejo de articulação que a gente tinha para algumas pautas, que [inaudível] torcida, prevenção, mas ele tinha um grande traquejo de com a torcida, com os problemáticos. Tinha sido vice-presidente do Dentinho, conhecido do Carnaval. Então a gente trocou, abdicou mão daquele cargo que a gente podia ser. “Vamos ser presidente e tal.” Mas por uma pessoa mais importante. E o Tonhão foi... E o Tonhão, eu e ele, somos irmãos de sangue. A gente não tem vínculo nenhum para dentro dos Gaviões porque somos de sangue e sim cada um no seu papel de liderança. Ao contrário, a gente pensa extremamente diferente.

B.H. – Ele é mais velho ou mais novo?

W.R. – Mais velho. Só que no final foi puta equilíbrio, porque ele cuidou de uma parte de forma extraordinária e eu de outra e a gente junto era puta liderança. Então a gente conseguiu,

em uma época difícil, super difícil, de Corinthians com baita elenco, mas a gente tendo que cobrar aquela questão do Kia. A gente teve que intervir no Corinthians dois anos direto. Toda semana a gente precisava invadir o hotel do Corinthians. E você intervir no Corinthians não é fácil, porque você tem que saber para você intervir. A gente já tinha feito um trabalho anterior, então era uma época que a mídia gostava de ganhar ibope com a gente na mesa, então toda semana a gente estava em programa. O que a gente tinha que falar, a gente meio que nem usava nossos veículos de comunicação. A gente usava a mídia mesmo. Isso que era um bagulho engraçado, que toda semana a gente estava na mídia e tal. A gente fez muita coisa para o padrão da época, que estava adormecido. E sei lá, marcou. E eu não [inaudível] de ser presidente ou não. Para mim, eu fui presidente, meu irmão também, ele foi presidente, como ele cuidou de outras tarefas que não eram dele. Então a gente pegou dois momentos que a gente foi nas mesmas tarefas. Eu não tenho esse negócio de: “Ah, você foi vice-presidente.” Como tem gente que fala: “Você tem que ser o presidente ainda.” E para mim isso aí é tudo só denominação furada de um sistema que foi imposto na nossa sociedade, que tem que ter uma hierarquia sim. Porque, na verdade, os Gaviões são um processo de várias cabeças pensando. E eu só representei muitas frentes dessas ideias coletivas. Como posso vir a representar hoje, em algum momento. Para mim só foi uma passagem lá dessa... Mas foi muito, muito bacana.

B.H. – Isso pega muito em todas as entidades. A questão da vaidade, de você... As pessoas têm essa...

W.R. – Conheço lideranças dos Gaviões que não foram e são frustradas até hoje. Te falo aqui. Não foram e... Como gente não acreditava na época que a gente fez todo aqui um projeto, que a gente fez o projeto da disputa e aí, na hora, a gente queria, exigiu um outro presidente. Até porque eu não me sentia completo 100%, mesmo com toda a segurança que eu tinha. Mas foi perfeito ter colocado a liderança que eu coloquei. A gente, na verdade, propôs. Não escolheu, mas propôs e foi perfeito. Não abria mão de hoje fazer diferente. É bacana.

B.H. – Mais uma pausa.

[FIM DO ARQUIVO II]

W.R. – Ligaram para você, não é? Está ouvindo o promotor, está ouvindo outro, está ouvindo outro. Sabe que isso é uma parte, ele não vai te ouvir, ele vai meter o pau em você lá. Ele não vai te ouvir? Então alguns... Falar que têm ética, liga para você. Liga para o presidente. Só que

you see how it is that it ends up, the edited. On the contrary, it already comes with a thing described. "We talked with Gaviões, but Gaviões did this." Then, or rather, today we live a contradiction with the spaces, don't we?"

B.H. – You think it can change? Is there any possibility of reversing?

W.R. – Logical.

B.H. – Leaving the police agenda, problem, problem.

W.R. – No, the problem, it is always at risk of occurring, as I said. Because fans live a process of adversity, a cultural process that is stupid and inexplicable. Because I have been in football for 25 years and I have never seen any work to try to change the culture of football in Brazil. A child today with 10 years, he calls the fan of São Paulo a bicharada. He is afraid of violence, but if he starts to go to the stadium with 15 years, if he starts to go to the stadium, when he gets a confusion with the police at the stadium entrance, he will think that is within the normality of the environment. Because it is the culture of the thing. People even get used to a lot of absurdity and think it is normal. You see how today, inside the stadiums, everything is so expensive, so beautiful. But the organizational process is old. The police practice shows that it is still old, because during the Cupa changed. During the Cupa all the states changed the way of working. And now it has not left this legacy. On the contrary, they do not want to have patience, the police, the commanders, and they do not want to be... Well, they were used to, isn't it? Police, teams that used to work during the Cupa and so on. Then in all the states everyone had a goal. The commander wanted to work during the Cupa, the sergeants wanted to be chosen, to get an international course, to get more. No, no, no more for that. He is not doing anything special. On the contrary, those old fans, who do not respect them, the old logic of treating them. The Cupa has been over for a long time. They spent a year trying to change the work. In six months since the Cupa it has already been lost. Then people have the old practices, in the stadiums. You will have the old practices of the fan. They want to change the practices of the fan. No, if people are doing the old practices of those who organize people. Do you understand? Because when people were in a state where the police respected, dialogued, did everything right, people, as a leader, made 20 times more effort so that everything would be right. Because here is a part, you see that one thing worked. Here you also run after to make your part work and even the associates too. This is a chain that reaches, works. But if it is stupidity or lack of will.

B.H. – É, no Rio de Janeiro hora se elogia o GEP, hora se diz que eles cobram pedágio. Existe muita...

W.R. – São várias equipes, não é? Mas é aquela coisa: o Rio mesmo é um grande exemplo. A gente chegou a elogiar e pôr o Rio de Janeiro para todos os estados como referência da mudança véspera Copa. Para um estado que a gente tinha muita truculência, um estado que depois a gente teve muito diálogo. Aqui em São Paulo a gente sempre teve muito diálogo. Aqui não, aqui estava o restrito do normal, que poderia ter ampliado, melhorado. Agora, acabou lá, já teve... Fomos a alguns jogos no Rio, algumas velhas práticas, sabe? Do negócio do dinheiro não, ainda não pegamos as instruções que rolavam, mas a prática da truculência, já começamos a ver de novo.

B.H. – Gás de pimenta nos ônibus...

W.R. – É, e bater, sabe, sem um motivo... Você vê que a cabeça do torcedor é tão louca. “Ah, o cara aprontou.” O certo lá para a gente, uma sociedade que a gente espera, o cara aprontou, ele ser detido e responder por aquilo que ele aprontou. Tendo um julgamento justo, certo? Não, o cara aprontou, se ele apanhar, o resto da torcida está vendo. “É, mas ele aprontou.” Até para a gente, meio que para a maioria, é normal. O cara aprontou, ele vai apanhar. E não é nada normal. Enfim, algumas coisas que são as velhas práticas que não mudaram e não vão mudar tão cedo, sabe? A Copa tinha uma exigência aqui. Não tem mais. Não tem quem fiscalize isso tudo para falar: “Tem que mudar e tal.” Se você falar: “Vamos instituir aqui um novo setor.” Que eu acho que tinha que ter, ligado, andando junto, que era de direitos humanos. Isso tinha que ter no trabalho preventivo e até mais para dentro para o meio do futebol, porque é descarada na cooptação de menor hoje no futebol para coisas que quebram até o estatuto da criança e do adolescente. Futebol é tudo uma margem, é tudo um parâmetro, é tudo descarado, mas é uma coisa que ninguém quer mexer, porque é muito dinheiro por trás. Um vínculo político, dirigente político em todas as assembleias do nosso Estado brasileiro. Seja a nível estadual, seja a nível federal. E a gente não vai mudar tão cedo. Até porque onde tem muito dinheiro, tem muito desvio de conduta e tem muita gente leviana e vazia sendo sujeita a ser comprada. Então minha lógica é essa. Eu acho que a mudança, para as torcidas, a partida é por parte delas mesmo, quando se conseguir apresentar um projeto razoável de prevenção à violência. Para falar: “Olha, a gente tem aqui uma prática que funciona, se vocês ordenarem de forma correta.” Porque torcida por torcida não se gerencia. Isso eu não acredito também. Eu acredito que a gente pode se gerenciar pelos problemas [inaudível], mas torcida é renovação e tal, como eu

falei aqui, muitas experiências. Teria que ter algo regulamentando a nossa política preventiva. Não alguém nos condenando, mas alguém planejando com a gente isso. E eu acho que isso aí é super fácil de fazer, sei lá. Não sei se eu que fiquei pensando nisso a vida toda, mas eu acho que é possível fazer e setores acompanharem com a gente.

B.H. – Não apenas ser uma relação com a polícia, mas envolver outras...

W.R. – No final, se não tem jeito... Lógico, grandes problemas podem vir? Podem vir. Aí eles atuam como eles atuam. Mas eles tinham, por obrigação, fazer algo preventivo, não só punitivo.

B.G. – Mas essa tentativa, esse MTO que você falou, ela era uma organização entre as torcidas, não é? Não tinha nenhuma ajuda, nenhum diálogo com polícia, ou com outras entidades. Eram vocês mesmos que se reuniam e conseguiram...

W.R. – Nós mesmos e, na época, a gente envolveu outros setores. Reunião nossa que a gente levou para outros lugares, fizemos reunião nossa dentro do batalhão, para que eles tivessem uma abertura, o corpo de policiamento tivesse uma visão do que a gente estava fazendo. Porque se você faz um espaço seu... “Comandante, queremos te convidar lá para a reunião.” Vai vir ele e uma viatura, não é? Se você faz dentro do batalhão, você tem pelo menos todo o corpo de comando lá. Então às vezes era bom. Não igual hoje, que todas são lá, não acho que... Mas a gente, na época, optou fazer lá, trouxemos federação na época para participar. Mas eles não vinham de forma permanente. Eram reuniões para debater assuntos, a maioria era só torcida mesmo. Depois, em 2005, a gente conseguiu tirar do ambiente do policiamento, passar para dentro do Procon, instituímos uma câmara técnica. No Procon, todas as pautas que você tem muita reclamação do consumidor, se cria um conjunto técnico por todas as partes. Então quando eu soube disso aí, nós corremos atrás do Procon e procuramos criar a câmara técnica do desporto. E o Procon, como órgão do Estado, exigiu que todas as partes estivessem nessas reuniões. Então as reuniões no final... Não adiantava fazer uma reunião terça no Choque, que quarta ia ter uma outra. Ou logo na sequência. Porque era [inaudível] e era um órgão que estava instituindo, exigindo. Então a verdade... “[Inaudível] no batalhão, já vamos todo mundo para o Procon, que a reunião vai ser legalizada lá.” E aí nós tirávamos também... O Estado participava de forma um pouquinho melhor. Porque o Estado hoje só participa nessa questão através do policiamento. É o Estado. Mas esses montes de engravatados aí não têm nem noção da problemática que é. O cara disputa aqui, mas no governo do estado de São Paulo ele não disputa essa pauta aqui na segurança. Ele disputa toda a segurança pública, mas não disputa o esporte. É uma coisa cega, não é? É uma coisa cega que continua rolando, mas cega. Então a gente

tentou que não fosse tão cego. Então a gente trouxe secretarias de cultura e esporte para participar, porque a gente também queria ter uma relação de projeto com o Estado. Então o Procon que cobrava, que acompanhava, que a gente encaminhava nossas reclamações, já era um outro órgão. E policiamento. Minimamente a gente tinha quatro, cinco, seis órgãos do Estado. Aí vinha CT, aí vinha a prefeitura, aí vinha a guarda da CGM, que era outro setor da prefeitura. Então a gente conseguiu envolver mais gente e foi nessas épocas que começaram a surgir promotores também. Aí percorremos em um baita trabalho com isso. E aí no dia que teve aquela briga do River Plate, a câmara técnica foi dissolvida. Por quê? Porque a gente era o setor que mais exigia que aquilo existisse, mais propunha ideia e só tinha porque a gente exigia em lei, em partes. Mas quando amanhecemos na quinta-feira, éramos o patinho feio da história. “Porque a torcida tentou invadir, tantos policiais se machucaram, que aquilo foi uma calamidade para o esporte, que aquilo foi uma...” E não discordo disso tudo, mas não era a avaliação correta a se fazer. E estávamos errados? Ponto, poderíamos estar. Tinha um inquérito sendo aberto, tinha o Ministério Público acompanhando isso. Não tinha por que você quebrar o trabalho preventivo. Ao contrário, é nessa hora que você tinha que sentar os setores. O que a gente errou? Vamos estudar esses caras. O que culminou naquela avalanche daquele problema? Não podemos ter isso aí de novo no esporte. E eu acho que aí que todo setor de segurança peca e erra. Porque quando acontece o problema, recua. Não quer sair na foto para a imprensa. “Não, eles estão reunidos lá discutindo problema.” Não. Isso eu não... Aí é a grande besteira. Todos os grandes trabalhos feitos em São Paulo com as torcidas se definharam a partir de um problema depois. Aí depois, muito tempo, muito tempo, aí volta o diálogo e tal. Mas a gente já hoje, já com tanta experiência, a gente já sabe. Vamos caminhar, mas se amanhã tiver um problema... Hoje eu procuro ainda dar uma colaborada em muitas pautas. Principalmente a questão da violência é uma que eu ainda não desisti de a gente intervir. Mas já desisti de o Gaviões assumir isso. “Vamos fazer, vamos propor como a Gaviões está propondo.” Não, não. “Vamos discutir com as torcidas, mas quem regulamenta isso aqui vai ser outro setor.” As torcidas não gerenciam o plano preventivo. Vai ter problema, porque vai ter problema entre as partes. Tem risco muito grande? Tem. Mas tem que ter um setor neutro, para se operacionalizar uma coisa. Aqui em São Paulo um setor novo dentro de uma secretaria de segurança pública. Uma coisa nova para se tratar desse calendário. A nível federal um setor em uma estrutura mínima. Não estou falando de uma estrutura que precisa de dinheiro. Precisa de subsídio de informação. Só. O resto já tem. Internet, celular, comunicação fácil para você falar com o Brasil inteiro, com

quem você quiser. Então com pouco se faz. Eu acredito ainda que hoje é possível. Hoje está mais fácil. Só não podemos, como muitas coisas que a gente fez, propor uma ideia, ela ser apropriada pelos órgãos de segurança e ser instruída com o senso punitivo. Porque todas as nossas ideias são para ter um senso preventivo. E algumas foram pegadas, transformadas para punir a gente. E essa ideia muitos setores pedem. “Qual é a essa ideia que vocês...” Hoje a gente não entrega. Hoje é uma ideia que a gente vai [inaudível] no setor de segurança, mas só depois que a gente tiver publicado, feito seminário para debater, para ninguém se apropriar disso. Falar: “Quem fez isso? Quem que ofereceu isso?” Foram os torcedores organizados. A gente não quer mais nenhum promotor se apropriando de ideias nossas e no final a gente... Não que a gente queira aparecer, mas a torcida tem que ser um diálogo na coisa. Se você é um problema, se você é uma parte. Está lá no Estatuto do Torcedor. A sociedade civil organizada. É a gente no Estatuto do Torcedor. E o nosso direito não é respeitado de forma muito clara. A gente não tem espaço e eu reafirmo aqui e falo abertamente em qualquer lugar. Não tem espaço amplo, não tem um setor para ter um canal de proposta, não tem. Eu tenho que procurar. Eu tenho uma ideia, mas eu tenho que procurar. Vou eu procurar o Senise, vou eu procurar o Paulo Castilho. Não tem um setor que fique fácil ao torcedor.

B.H. – A Gaviões já, alguma uma vez... Ou tem projeto de ter candidato, de participar de pleito político, de assembleia legislativa?

W.R. – Sim, sim. Temos. Tivemos um recente. Foi até super engraçado, porque o nosso próprio candidato está preso até hoje. Tem uma história que chega a ser... A gente, internamente nos Gaviões, não os Gaviões, mas algumas pessoas têm suas militâncias políticas. Seus vínculos. Eu também tenho, eu tenho vínculo no mundo legislativo em vários setores. Nos campos que eu acho popular, não é? E até alguns conservadores também, porque a gente, como Gaviões, agrega diálogo com muita gente e precisa. A gente já apoiou muita gente, no sentido de a gente construir pautas para o nosso universo. Já também fomos muito usados por pessoas que nós imaginávamos que iam pautar. Hoje eu vejo que não iam nada. E de uns anos para cá, as torcidas já deram um passo maior. Já lançam seus candidatos. É mais recente agora, que é uma coisa que explodiu no Brasil inteiro. Na outra eleição aqui, em 2002, a gente lançou sete candidatos nas [inaudível]. Em projeto assinado oficial dos Gaviões, mas todas as lideranças dos Gaviões. Lideranças das suas regiões, nas suas cidades. A gente teve alguns parâmetros para fazer isso na nossa visão. A gente não fez na época: “Gaviões precisa de espaço.” Não, não, não. Lugares que a gente tinha projeto, participação política na cidade, que a gente estava

ambientalizado com a política local, com o sistema vicioso local, que a gente tinha vínculos com os movimentos sociais. A gente tinha um parâmetro para fazer tudo isso. Tivemos, porque a gente poderia, na verdade, ter saído com 25 candidatos. Só que longe de nós também estar fabricando aí pilantra e pessoas que já tem demais nesse modelo atual aí. Mas é radical para os Gaviões e o nosso projeto era também uma linha de contato e radical de manipular dentro de uma linha de conduta para dentro desse universo do legislativo, muito fácil de se escorregar. Então a gente só apostou em projetos que a gente tinha muita confiança. Elegemos um na cadeira, três em suplências e os outros em todos os... Nos encaminhamos dentro de projetos políticos da cidade, assumimos tarefas dentro dos governos municipais. Em todos, porque o nosso trabalho não é nada muito grandioso, mas onde a gente atua, tudo muito sério. E com uma linha até de conduta. Tudo meio que diferenciado do que se fala a base de militância partidária e tal. Então a gente é bem chato com algumas coisas. Nos locais que a gente atuou, avançou. Aí já a última eleição, 2010, 2012 agora, 2014 as eleições para deputados estadual e federal, a gente também fez as nossas apostas. A gente tinha uma ideia de lançar um deputado. Quer dizer, tinha não. Veio a ideia com o nome que surgiu. A gente tinha um dos vereadores, que era o Capá. Já reeleito lá na cidade, já tem um projeto lá em Francisco Morato. A nossa turma dos Gaviões já há alguns anos lá, a gente organizou para que eles, como munícipes, interviessem na política local. Eles insatisfeitos e tal, uma cidade muito pobre, muito humilde e aí eles procuraram a gente. “A gente quer intervir, a gente quer...” Então vamos construir o caminho. Eu e mais uns companheiros fomos para lá, fomos conhecer, fizemos trabalho de base. Conhecemos e o nosso projeto lá vingou. Tanto que foi eleito uma vez, foi reeleito e aí até por ser uma cidade muito humilde, a cidade mesmo, muitos setores apostaram nesse nome do nosso projeto para ir representar a região, a cidade, na assembleia. Até porque o Capá também, que era a representação... A gente é uma linha de atuação muito radical com vários desviozinhos que tinham. Algumas práticas que eram normais na assembleia, na Câmara Municipal, a gente recusava. Questão de dinheiro, de desvio e tal, a gente não reproduzia. Isso era uma coisa que a gente tinha com a gente, que a gente não lutava por isso. Porque a gente também chegava, a gente também estava com um salário bom. Principalmente o Capá como representante do projeto. Um salário de R\$ 6 mil não é para qualquer trabalhador. E nós somos trabalhadores mesmo, então a gente sabe o valor do dinheiro bem nessa sociedade louca. Então a gente enxergava que a gente já não precisava de nada. Isso porque a gente estava atuando na Câmara Municipal mais pobre do estado e a gente tinha alusão que se a gente estivesse atuando

em uma de São Paulo, uma de Guarulhos, uma de Santo André, ter a linha de conduta que a gente teve lá, ia ser muito difícil ter nas outras com o orçamento muito grande e com um sistema usurpador muito ferrenho. Mas lá em Francisco Morato a gente conseguiu conhecer, fazer uma baita experiência e o Capá foi um dos melhores vereadores da cidade, veio para a reeleição, um dos mais votados da bancada dele, levamos mais um e aí veio a posse para ele ser o deputado. Quando a gente soube que ele ia ser deputado, aí a gente ampliou a ideia nos Gaviões, porque aí o projeto podia ser maior. O Capá também tinha todas as condições e a nossa equipe... Eu também participava da equipe de trabalho dele, muitas pessoas... Teria condições de a gente montar um projeto para as torcidas, para defender na assembleia. E a gente construiu todo o projeto, a candidatura para dentro do partido. Só que de forma bem irônica do destino, a gente que estava em uma candidatura para propor toda essa questão de prevenção, tanto a nível estadual, aqui, mas a nível federal também, que a gente, na verdade, tem até a lógica federal para ser aplicada primeiro do que a estadual. Porque a federal é mais fácil do que a gente aplicar a nível estadual e tal. Antes de a gente conseguir ampliar toda as nossas ideias, a gente, na verdade, caiu dentro do problema que a gente queria resolver da violência do futebol. Então teve aquele jogo fatídico lá de Brasília, que os dirigentes do nosso futebol, futebol novo, rico, de arena, querendo mostrar serviço na véspera de Copa, tiveram a ideia brilhante de meter esse jogo lá sem segurança.

B.H. – Vasco e Corinthians.

W.R. – A gente alertou, teve reunião preventiva lá entre as torcidas lá anteriormente. A gente alertou que ia ter problema. Coincidentemente, um dia antes desse jogo, tivemos a visita do promotor Paulo Castilho e do Ministro dos Esportes, Aldo Rabelo dentro da nossa sede, para a gente falar das torcidas. Recordo bem, porque fui eu que falei para ele: “Amanhã vai ter problema. Amanhã vai ter problema.”

B.H. – Não sei se foi antes ou depois, mas tinha um Flamengo e São Paulo lá que teve problema, já tinha tido.

W.R. – Já tinha tido. Teve um Santos e Flamengo que só não teve problema porque não foi noticiado e porque fizeram uma coisa que não fizeram conosco. Colocaram um grupo de policiais em torno da torcida do Santos, que eles não puderam nem se locomover no estádio. Tipo um círculo e ficaram o jogo todo. Isso com a gente nem fizeram. Contra o São Paulo é mais ridículo ainda, porque foi fora do estádio. E o policiamento tinha leitura de onde estavam as duas torcidas concentradas lá fora. E quando eles estavam levando uma delas, passou no

caminho da outra. Ou seja, o velho erro de comunicação. O velho erro de comunicação simples. Aí deu todo aquele problema lá entre eles. O nosso, notificamos muito na reunião essa questão dos trajetos lá, para não ter. Nós já enxergamos que eles não tinham muita prática. Brasília não tem muito jogo. Então a gente tem que ir preocupado mesmo, que eles são sujeitos a erros para fazer o plano que eles vão desenvolver. Então nós já fomos mais preocupados ainda. Era um policiamento que não tinha prática das coisas. E a gente sabia disso, porque nós tivemos final de campeonato lá em Brasília já antes e se a gente não organiza com o policiamento lá, a gente estava ferrado. Nós ficamos lá uma semana trocando experiência com policiamento para a gente organizar uma final lá. Eu fiquei lá uma semana com o comandante.

B.H. – Qual a final?

W.R. – Que foi a da Copa do Brasil, não é? Foi a de 2002. Nós ficamos uma semana trocando experiência porque eles estavam esperando fazer um esquema de guerra para a final. Quando a gente viu, a gente foi para lá e aí a gente mostrou que nada, a questão é de subsídio, informação, geografia do local e a gente fez um super de um planejamento lá. Um policiamento que não estava preparado para receber tantos torcedores. Já nesse jogo com o Vasco, a gente ficou: “Vai ter o mesmo problema.” E fomos para lá antes. Só que diferente de antes. Esse aí era véspera de Copa, muita mídia, comandante... Tudo no salto alto. Enfim, não ouviu muito a gente, não ouviu o pedido da gente, que a gente queria um pedido de isolamento. Não ouviram e deu no que deu. Voltando lá para a questão política, o nosso candidato, membro da torcida também, também estava na briga generalizada, que, na verdade, o Gaviões estava localizado em um setor, mas a briga foi em outro.

B.H. – No intervalo eles se...

W.R. – É, na verdade, meio que as torcidas...

B.H. – Viram que não tinha...

W.R. – Meio que andaram... Meio que circularam. Era para eu estar até junto com o Capá nesse episódio, na verdade. Eu não fui porque eu tive uma tarefa aqui, mas ele viajou de carro, na verdade. A gente tinha pegado o ingresso para um pessoal, amigos nossos, do partido político lá de Brasília e ele estava assistindo até com uma outra turma. Por isso que ele estava até mais próximo da confusão. Porque se ele estivesse nos Gaviões, ele tinha passado batido. Capá tinha se livrado dessa. Só que ele... Estava ele... Na verdade, tinha até deputado distrital ali do lado, que não saiu imagem, a imprensa lá não pegou, não quis focar, mas tinha outros parlamentares ali perto. Mas o Capá envolvido, ele era envolvido na torcida. Quando ele viu policial grudou

no moleque e deu vários, ele também, de forma errônea, mas também saiu agredindo o policial. Meio que ele respondeu com a cultura que a gente tem aqui. De lidar com os problemas. A gente não tem a cultura de “ah, o policial está oprimindo, a gente ir lá e pedir por favor, que ele vai parar.” Entendeu? Ou você deixa o cara bater, ou você vai ajudar seu amigo. Aí vai da sua escolha. Ele teve a escolha lá de tentar soltar o moleque. Só que não pode, não é? Não poderia por mil razões. Ele em especial porque estava vindo defender um projeto contrário, estava... Só que ele é verdadeiro, ele é espontâneo. Ele achou que era aquilo lá e foi e pronto. E a gente também não condena ele, porque a gente pode ser tudo no nosso lado pessoal. Você pode ser um juiz no seu dia-a-dia, aplicar a lei, que está aí para a gente. Só que você vai para o estádio e vive aquilo, você vai ver tudo aquilo sendo passado por cima na sua cara. Eu lembro até hoje na Libertadores aqui, o juiz na entrada daqui, que foi aquele tumulto louco. Eu lembro até hoje. Ele com o filho dele. Eu passei uma semana para explicar para ele a cultura do futebol. Porque ele falou: “Como que a polícia pode fazer aquilo? Como que os organizadores fazem aquilo e como vocês não buscam o direito de vocês? Porque aqui só é um enfrentamento ao direito de ir e vir.” Eu falei: “Ah, é, doutor? Para você ver. Você vê como que é. Você foi, seu filho tomou uma borrachada.” Ele estava indignado que o filho dele no meio da correria tomou uma borrachada.

B.H. – Na entrada?

W.R. – É, no último da Libertadores aqui. Corinthians e Boca. Foi meu último jogo que eu atuei como liderança. Eu fui massacrado pela polícia nesse jogo aí e ajudando a organizar a entrada que eles fizeram de forma errônea junto com o Corinthians. E aí criou um grande problema, mas eu mais quatro lideranças nos dispusemos a mudar o quadro ali. Falamos: “Nós vamos tentar pelo corinthiano, que está sofrendo. E a gente se estrapolou, nos ferramos nesse jogo aí. E aí esse juiz viu toda a cena, a noite toda. Ele me achou no outro dia, no telefone dos Gaviões e ele ficou indignado com aquele cenário que ele viu. Ele ter sofrido aquilo e como que a gente não se organizava para correr atrás. Ele falou: “Eu vi você subindo na grade três vezes ajudando a polícia. A mesma polícia que foi e te massacrou no chão. E você em nenhum momento...” E nem de frente eu estava para a polícia. Todas as vezes eles me pegaram de costas e eu virado para a massa. Esse dia eu saí na mão com um torcedor do Corinthians para a gente tentar manter a ordem. Mesmo assim os caras... Por causa das relações antigas, policiamento que não gosta de você e tal. Mas são umas coisas loucas que você vive e até quem faz lei, se vive o estádio, não muda muita coisa. Não vai mudar para você.

B.H. – Você foi depois para o Japão?

W.R. – Para o Japão eu não fui. Mas fui para a Argentina. Depois, última caravana que eu organizei na minha vida também. Foi meio que a despedida da Libertadores ali.

B.H. – Foi em 2013, na sequência. Depois do título.

W.R. – É. A última aqui foi a última relação com a polícia, marcante. A outra foi a última organizando uma viagem, marcante, porque a gente tinha lugar contado e a torcida inteira queria ir. Eu fiquei dois dias virado nos Gaviões fazendo lista de ônibus na mão. Na mão mesmo para mandar para as empresas. Conferindo coletivo por coletivo, RG com número do SIG nas listas. “Não, está errado, devolve, busca o RG e tal.”

B.H. – Para o jogo na Argentina.

W.R. – Para o jogo da Argentina. Que foi uma loucura também. Nós tínhamos mais de 1500 torcedores lá na Argentina sem ingresso. Os [inaudível] ficavam andando na Argentina durante o dia e 500 torcedores atrás de nós. Engraçado. “Ah, a liderança está ali.” Eu andando e 500 caras atrás de você. [risos] E a torcida inteira: “Pulguinha, lembra de mim?” E eu conheço muito a torcida. Engraçado, eu não fui de ônibus. Eu me abduquei para ir de avião, para eu ter de organizar [inaudível]. Eu fiquei acordado e tal e o pessoal foi organizando. Então eu deixei, o pessoal foi de ônibus, aí eu fui para chegar lá e organizar os ingressos junto com outra liderança que ia de avião. Ainda tinha um pessoal de avião e de ônibus. Então eu fui de avião. Soltamos a caravana aqui de ônibus à noite, de manhã eu peguei o vôo. Quando eu entrei no vôo, eu falei... Ah, vôo de 7h, o primeiro vôo que tinha, era cedíssimo. “Ah, vão ter poucos corinthians.” Quando eu entrei no vôo... Não, minto, era o último vôo da terça à noite. Eu falei: “Ah, vai ter uns corinthians, mas nem tanto, não é?” Nossa, quando eu entrei no avião, o avião fez ola, tipo Pacaembu. “Olha quem está aqui. O cara que cuida dos ingressos.” [risos] Nossa, eu fiz aquele meio que reservado, não conhecia todo mundo. “Gente, nem vem que hoje aqui não vai ser. Deixa eu viajar quieto.” Os caras todos em torno assim. “Pulguinha, dá para pôr meu nome na lista?” [risos] “Põe só um.” E aí foi muito ruim essa viagem, porque chegou o momento que eu tive de escolher os corinthians que iam entrar. Eu com 30 ingressos e 100 caras. Eu tive que formar uma lógica lá na hora, quem que vai primeiro e tal. Tem cara até hoje que olha para mim e: “Você me tirou da final da Libertadores lá na Bombonera.” Como tem muitos que falam: “Pulguinha, você me salvou lá. Era o jogo da minha vida.” Mas tem uns até hoje bravos. Tem uns dois aí que até hoje eles olham para mim com mágoa. “Você me tirou do jogo da minha vida.” E um deles perdeu o trampo para ir para isso. Então imagina o cara perdeu

o trabalho, não foi, não conseguiu ingresso. Esse é o que mais [inaudível] para mim. Toda vez que ele me tromba, ele fala, que ele está com os amigos, ele fala: “Esse cara me deixou para fora do jogo.” Eu falo: “Você é chato, hein, cara? Ainda você está nessa?” São histórias, esses momentos.

B.H. – E na sequência teve aquele episódio da Bolívia. Até a Aira comentou essa relação da Gaviões com as outras organizadas. Mas é interessante pensar também a relação da Gaviões com o corinthiano de modo geral. Sempre foi uma torcida que teve muita simpatia. Corinthianos gostavam da Gaviões. O que a gente percebe, não sei se exatamente depois desse episódio, mas teve um certo distanciamento. A própria conformação da Arena hoje é outra coisa, perfil. Queria que você falasse um pouco desse episódio e as dificuldades que a gente está vivendo hoje em relação a isso.

W.R. – Você vê, o episódio da Bolívia, até ele inicialmente... Até quando eles... Passou a primeira semana, aqui no Brasil começaram a bater menos, começaram a entender a situação dos meninos lá. Aí teve todo um apoio da sociedade brasileira. Do lado legislativo a gente teve uma tensão do governo brasileiro, prontamente. A gente teve solidariedade de vários setores que entenderam sem a gente procurar. Poderiam meter o pau. De estar do outro lá fácil. O próprio setor da imprensa, que é hipócrita pra caramba quando convém, mas naquele momento... Por quê? Aí tem uma... Porque quando você for ver, a gente usou um artifício lá. “A gente.” Os meninos usaram um...

B.H. – Você não viajou?

W.R. – Eu não viajei. Se eu tivesse ido nessa caravana, esse negócio de navio não tinha entrado. Por Deus, não tinha. Porque não é uma coisa habitual. Ele era muito forte. Ele era muito forte. Ele foi solto um antes, mas alguns viram. E quem viu, viu que era muito potente. Mas isso há dias antes, na sede. Isso teve todo um debate interno nos Gaviões. Como permite um artifício que não é da nossa normalidade para fazer uma festa? Você vê, a gente não leva nem o sinalizador, que é de navio, que é um que só mantém mais aceso que o normal. Demora muito mais, a gente já não leva, a gente não procura para comprar. Porque demora muito mais. Já nem procura esse. Vamos levar um que vai 300 por hora, sei lá? A gente não sabe nem... Foi, na verdade, uma baita falha nossa. Porque alguém levou isso lá. Eu olho esses tipos de sinalizador. Aí soltou lá uns dias antes e viram que era super forte. Ficou lá. No dia da viagem, levaram junto. Só que não estava uma coisa programada, sabe? Tipo “vamos levar um material diferente para esse jogo e tal.” Não é. Se não tem todo um preparo. Todo um preparo você

mexer com material. O setor que organiza festas levou junto, que estava lá na sala. Levaram junto e só foram pegar o negócio na mão no pior momento. Na hora do gol mesmo. O menino ficou no fato, o Hélder. Por mais que fosse um menino novo, mas já experiente nas coisas de arquibancada. Meteu a mão na coisa e destravou o pino. Sinalizador nosso não tem pino, não tem trava. Ele só acende quando você mete o isqueiro. É você que está fazendo a chama nele. Você que está vendo onde você vai apontar, quem você vai queimar do seu lado, a maneira de acender. Se fosse tão perigoso, imagina. Você teria vários fatos de queimadura dentro de uma torcida, certo? Quando você acende isso. Você não vê. Por quê? Porque você acende com o isqueiro. Você controla o seu risco. E é o que a gente usa. Mas ali não, o menino pegou na mão, soltou o gancho e deu todo aquele episódio. A torcida ali mesmo não entendeu o que matou o menino na hora. Quem estava lá só foi entender que morreu um menino boliviano no final do jogo. Aí o que aconteceu? A polícia boliviana foi muito boa, a maneira como eles fizeram. Eu acho. Mesmo tendo a justiça cometendo o arbítrio de manter lá todo aquele tempo. Mas inicialmente eles fizeram muito correto. Porque eles fizeram o que? Eles cercaram a torcida, foram atrás de imagem, e ficaram mapeando, como se fala na linguagem da justiça. Mapeando quem era quem. Então eles, na verdade, conseguiram deter boas partes de gente que estavam lá. Alguns que estavam com sinalizador normal, na verdade, também, no começo do jogo. Enfim, detiveram 10 para mostrar também um... Morreu um moleque lá e eles já tinham a leitura do óbito. Nós não. A torcida não. Detiveram os 10. O pessoal estava sossegado. “Ah, machucou o menino lá e tal.” Foi um jogo também super desorganizado. Por quê? Nosso pessoal estava com ingresso na mão, chegou lá, estava o portão fechado e cheio o nosso setor. Então boa parte da torcida ficou para fora e só entrou no segundo tempo. Então no segundo tempo, quando essas pessoas dos Gaviões estavam entrando, viram até o Kelvin, passando na maca, muito sangue. Até falou: “Nossa, o cara se machucou.” Ninguém tinha ideia do que tinha acontecido. No final de tudo, foi aquele episódio. Que foi muito ruim para a gente, por quê? Porque teve uma sequência de fatos. Não foi por aquele fato. Então o pessoal começa a perder a disposição quando você tem uma sequência de fatos que dá aquela conotação: “Uma coisa tão bonita está mudando a linha, não é?” Se você descuidar, torcida organizada passa isso, não é? Você tem, em um determinado momento, um controle e quando começa a sair da rédea você fala: “Está se perdendo.” Eu não acho que os Gaviões ainda perderam a simpatia do corinthiano, da massa. Dessa geração de fiel torcedor, pode ser. Até pode ser. Mas da nação corinthiana, o cara que está em casa, a grande massa, nem ferrando. Estamos longe de... Até a

torcida do Corinthians, [inaudível] os episódios passaram, a gente já [inaudível] aquela fase de cobrança no time e tal. Porque também a nossa última cobrança não foi tão legal, invadir o CT e tal. Então torcedor comum, ele quer ver você somando com o Corinthians, intervindo, ajudando. A partir que você está atrapalhando, se o cara enxergar e entender que você está atrapalhando o time, natural, você vai ter a rejeição dele. Mas a gente consegue ter e tal por causa... O apoio ao time, cada jogo e tal. A gente é uma torcida que está com o time em qualquer lugar. Em qualquer lugar a gente está com o time, com o torcedor comum. A gente não tem uma cultura como outras torcidas organizadas têm de esnobar o torcedor comum, que tem torcedor em São Paulo que esnoba. E as do Corinthians não, a gente é uma coisa muito Corinthians. A gente é o contrário. Tem uma linha, ninguém é mais corinthiano que ninguém, não. Se a gente ver um pessoal dos Gaviões, pode ser quem for, sobrepondo e oprimindo um corinthiano comum porque é de torcida organizada, pau come na torcida. Pau come. Pau come porque isso é pecado capital. Hoje não importa se eu vou de Gaviões no jogo, se eu vou de Corinthians. Eu tenho que ser respeitado igual todo mundo. Não tem essa. Se a gente ver a molecada [inaudível] dos Gaviões, que são os mais afobados e tal. Entra para os Gaviões e se sente, você acha aquele super, auto-afirmação, quando a gente vê essas coisas assim com corinthiano, a gente dá uma baita abafada, sabe? E uma baita correção. Porque é um dos valores que não pode ser reproduzido na torcida do Corinthians. E eu acho que com isso, com esse conjunto, a gente consegue ter uma relação boa. Mas se as lideranças atuais não tiverem uma manutenção, não se atentar a isso com a relação, a gente rapidinho vira um patinho feio na história mesmo. Até porque a gente é contra o modelo atual, o modelo atual que ele está indo e agora ele está conseguindo espaço para ir. Porque ele não foi a vida inteira, porque a vida inteira o ingresso foi ruim para ser distribuído. Hoje ele compra no computador. Para ele está legal, mesmo pagando mais caro. E para a gente, na verdade, só tinha que arrumar o desvio do ingresso, não aumentar para ficar caro. E esse cara aí é do mesmo jeito, como nós. Só que...

B.H. – Pulguinha, um último ponto.

A.B – Eu queria... Você entende ainda o espaço da Gaviões como um espaço politizador a partir do exemplo dessas práticas coletivas, decisões? Não necessariamente partidárias, mas ainda se aprendem questões políticas a partir dessa experiência de vocês? De direção, de base. Ou já foi diferente? Como você entende a relação de vocês com alguns dos movimentos sociais?

W.R. – Eu acredito. No dia que eu deixar de acreditar, eu não vou mais. Eu tenho essa lógica. No dia que eu parar de acreditar que não sirva como instrumento positivo, eu deixo de ir, porque aí já não vai servir com o que eu quero agregar para mim, para as minhas escolhas. Então eu vou porque eu vejo. A gente tem o jovem paulistano lá. A gente tem um jovem que tem na nossa periferia, a gente tem na torcida. E eu ainda acredito na nossa sociedade. Acredito mesmo com as limitações, mesmo com as imperfeições, mesmo com todas essas limitações que a gente tem nas políticas públicas, na formação da sociedade. Eu acredito ainda, porque o ser humano é extraordinário, ele tem uma capacidade de se organizar e de propor e de construir. Isso é uma coisa que não é governo, não é sistema que vai impor. Isso é do ser humano, não é? E uma coisa que eu aprendi nos Gaviões, que a gente tem a lógica extraordinária de fazer isso em qualquer lugar. Seja em uma periferia, seja em uma torcida organizada, seja... Então dentro dos Gaviões, eu, pelo menos, na minha atuação, sempre, como creio nisso, eu sempre fui um cara de propor muito, de muita gente fazer. E se você trabalha, acho que sai o resultado. Os Gaviões, na sua natureza, é uma baita escola de formação. Tem valores que eu aprendi nos Gaviões que eu não aprenderia crescendo no Tatuapé. Um bairro conservador, para alguns até burguês. Eu vejo como todos os meus amigos cresceram lá. Todos. Amigos meus até hoje. Eu tive coisa na minha vida que eles não tiveram. Eu não errei em coisas que eles capengaram para vencer. Tipo droga, sabe? Alguns desvios que nos Gaviões, eu, desde pequeno, eu sou doutrinado. Eles não. Eles tiveram que dar cabeçada, tiveram que levar transtorno, infelicidade para dentro de casa com família para ver que é ruim, para vencer, para tal. Eu não, eu já tive isso fora de casa. Eu fui educado. Geralmente, a gente é educado dentro de casa, não é? Eu, nos Gaviões, eu fui educado. E para mim foi especial, porque uma família que perde a mãe com 12 anos e você não tem mais aquele papel de mãe, do alicerce, de base, o que tudo supriu foram os Gaviões. E ao contrário, tinha um olhar em cima de nós maior, porque a gente já não tinha essa parte em casa. E é uma coisa muito louca, porque forma mesmo. Principalmente os que vivem mais. A gente acaba conhecendo todas as classes sociais. Convivendo com cada uma delas, cada pessoa. A maior riqueza dos Gaviões, que a gente fala, é a diversidade. E a diversidade ensina, certo? Seja bom ou ruim. O Gaviões é um laboratório de experiências e eu nunca me neguei a nenhuma delas. Nenhuma. Então aprendi como ser humano muita coisa. Coisa que se eu tivesse sido um cara normal, trabalhado em uma empresa, ir para casa, ter um papagaio, um cachorro e um casamento. Eu não tinha conhecido o que é melhor. Ter conhecido o ser humano, o povo. Hoje em dia até mais, porque a gente conhece o povo e conhece os seus

lugares. “Ah, queria fazer uma coisa com o povo de classe x.” A gente sabe onde a gente vai, a gente sabe onde a gente quer estar para construir e fazer as coisas. E o Gaviões é um lugar ainda, porque tem essa transformação, tem esses valores. Os Gaviões ensinam sua formação, ele é solidário. O cara absorveu os valores dos Gaviões, ele vai ter que absorver o valor de coletividade, de ser solidário, porque ele vai ter que compartilhar. Mesmo ele sendo o cara mais egoísta do mundo, quando ele ver, ele está se compartilhando. Não tem jeito. O cara pode entrar lá o cara mais... E até no discurso, “Porque eu sou egoísta mesmo”, mas quando ele ver, ele vai estar fazendo prática solidaria porque é a coletividade e assim que... Compartilhando as coisas tal. Que seja um lanche, que seja um... Ele vai estar. Uns valores que são difíceis de você aprender com a molecada mais jovem, mais velha na rua. Algumas coisas mais para você ser homem mesmo, sabe? Quando você faz aquela cagada e tem alguém para... “Amigo, aqui não é compatível isso, cara. Não se faz isso, porque a consequência é isso e vai acarretar isso, não é só para você, é para nós todos.” Então antes de você já pensar no seu individualismo, você já tem que se começar a portar pela coletividade. Isso é formação. Você tem que se enquadrar em uma sistemática coletiva, positiva. Uma sistemática de disciplina, de convivência e tal. Se fosse por ruim, você estaria ensinando um monte de monstrinho, não é? Ao contrário, é muito positivo. Mas um ambiente daquela coisa. Tem coisa boa e tem coisa ruim, porque tem as pessoas e as pessoas são esses dois pólos, negativos e positivos. E aí vai da pessoa, que onde ela estiver, ela querer usar seu livre arbítrio bem ou mal. Os Gaviões, na verdade, não dão muita oportunidade para você usar para o mal, não. Porque a gente tem muitas coisas internas que não é permissível reproduzir. Mas com grande incentivo para você reproduzir os bens e se aprender, pelo menos. Se vai vingar, se vai conseguir, se vai ser um grande homem para a vida com aquilo, não sabemos. São poucos que... Mas forma. Tiro base... Família minha. No começo: “Vocês são loucos, vai deixar os meninos bitolados com isso.” E depois, mais velhos, meus primos, conheci outras coisas fora, falei: “Não, leva eles, por favor. Que eles lá, eles estão mais cuidados. Eles não estão usando droga.” Então Gaviões é... Eu tive um privilégio. Até pelo momento que eu vivi, os professores que eu tive lá. O cara entrar hoje no Gaviões com a minha idade, ele não vai ter o que eu tive. Não mesmo. Não vai ter a atenção que eu tive, porque hoje é muita gente, ninguém vai prestar atenção. Vai ser normal ter um moleque de 11 anos ali. Se ele ficar todo dia lá, ninguém vai chamar atenção dele que ele não está na escola. Então é diferente. Enfim.

A.B. – Aproximação com MST é uma...

[FIM DO ARQUIVO III]

A.B. – Eu quero saber do MST, eu conheço o pessoal lá. O Celinho...

W.R. – Celinho é um que hoje está na agenda [inaudível].

B.H. – O que houve?

W.R. – Na militância nós chegamos a fazer um projeto com o consulado de Cuba para a gente difundir o futebol lá. Isso aí em 2005. Uma ideia muito louca que a gente não conseguiu levar para a frente, mas foi muito louca. A troca de experiência aqui... Nós, o MST e junto com... Aí foi, dirigente internacional mandou o projeto e eles aprovaram, para a gente instituir o futebol em Cuba lá. Avaliar, a gente ia ficar um tempo avaliando como que era lá o espaço, as condições, depois a gente ia levar uns professores de educação física, para difundir... Foi uma ideia muito louca, mas... Não vingou.

B.G. – Depois a gente vai postar. As que você viu, a gente vai postar. Mas acho que vai sexta-feira.

A.B. – Vou perguntar de novo. Pulguinha, eu queria saber dessa proximidade com os movimentos sociais, alguns movimentos que também são criminalizados dentro de grandes mídias, como acontece com as outras torcidas. No caso do MST, isso é uma novidade, isso já acontece há algum tempo com a Gaviões ou com alguns grupos? Conta um pouquinho disso.

W.R. – Os Gaviões, é o que eu falei, já tem o senso solidário... Eu vejo na sua essência de ser. Em 1999, eu mais outros companheiros, enxergando a torcida como um todo, a gente achou que tinha que ter alguma frente mobilizada para ações positivas. Era um descabimento aquela puta mobilização e só convivendo com a massa e com aqueles problemas, treta, violência e tal. Mas não tem uma contrapartida. A gente se organiza para ir para jogo porque é a cultura. A gente se organizava para o jogo do Corinthians e nisso aí ocorre problema, certo? E às vezes, quando ocorrem problemas nossos, é mobilizado. A gente tinha que ter algo mobilizado, mas positivo. Aí instituímos um novo trabalho lá. A Gaviões sempre fez ações solidárias e tal, mobilizações para ajudar a comunidade, situações, pautas, ou até para intervir em alguma coisa. E aí a gente resgatou o debate dessa linha dos Gaviões, que meio que estava adormecida, a linha de participar da vida pública da cidade, do sistema político. Coisa que na fundação teve muito. E a gente conseguir começar a discutir dentro dos Gaviões. Instituímos um departamento social, que, inicialmente, nosso intuito era mobilizar as coisas dentro da entidade para a gente interagir com as comunidades, com projetos que a gente se identificasse. E nisso

aí, na verdade, é aquela coisa. É um processo em formação, porque você vai conhecendo as burocracias impostas até no sistema político. As secretarias e tal, a má vontade de se mudar as coisas estruturalmente. Por que só atinge o assistencialismo e tal? Isso aí fez a gente discutir a sociedade, buscar mais e também a gente com aquele senso crítico das coisas. A gente está em um momento também, uma juventude lá dentro de arregaçar as mangas, de propor, mas questionar também. Enfim, aí foi uma época que São Paulo também estava passando uma fase, do Pitta, daquele impeachment dele e tal. A gente discutiu isso dentro dos Gaviões. A gente se sentia atingido como paulistano, como tudo. Até vereadores que os Gaviões tinham ajudado a eleger estavam envolvidos na lambança. Então a gente achou que a gente tinha que intervir. Aí começamos a fazer ações de solidariedade, discutir algumas coisas da cidade e, quando a gente viu, a gente estava muito próximo a vários setores da militância. Seja partidário, na época, como os movimentos sociais. E aí a gente, nessas ações na rua, de sempre estar nas atividades, que a gente começou a ir muito nas atividades aqui em São Paulo. A gente conhecia um ali, amigo do amigo ali, tal e tal. E a gente começou a ter muita proximidade com os movimentos e aí foi que a gente começou a trocar experiência, começamos a ter uma outra atenção para as bandeiras de lutas, quais que eram. Começamos a enxergar que as bandeiras eram nossas também. Mais do que é futebol deles, mas a deles era mais nossa. Então a gente começou a se interessar em brigar por isso também. Começamos a nos enxergar como jovens que queriam fazer e viam os caminhos para... Queríamos participar. E aí começamos a trocar essas experiências com os movimentos sociais. Primeira coisa que a gente se enxergava como um movimento social. Tem muita gente até do lado progressista que não enxerga. Mas a gente já se enxergava. Então começamos a ir e participar de várias bandeiras de lutas sem pedir licença, sem participar de organização de nada, de ir e de ir, mas nós respeitávamos sempre a hierarquia, víamos quem organizava. Determinado momento a gente estava na mesa discutindo junto. Mesmo com todas as nossas limitações de formação e tal. A gente tinha uma coisa primordial, que às vezes muito dirigente de movimento não tem, que é conhecer a juventude ao pé da letra. Saber lidar com ela no problema. A gente já é formado para lidar em situações que eles têm que dar altas cabeçadas para aprender, não é? O que para muitos era temeroso em uma coisa com a polícia, em uma simples ação, em uma caminhada, para a gente não era. Era muito fácil porque a gente estava acostumado a mil tratos piores do que a prisão política nos tempos de hoje. Então a gente se identificou muito fácil, viu que a gente poderia ajudar muito, somando. E aí veio a troca de experiência com os movimentos sociais, inclusive com o MST, que aí acho

que a gente teve uma coisa mais especial, porque a gente trocou experiência, não é? As duas organizações. Até hoje a gente troca. Não de forma efetiva ou não, mas através das lideranças, das pessoas que tem contato. Naquela época, como eu era dirigente, a gente levantou a bandeira do movimento em prol da identidade mesmo. A gente defende a reforma agrária, a gente defende o MST. Aí foi muita paulada. Então uma que você tinha que explicar a luta. Só que é uma coisa que a gente aprendeu com eles, a gente reproduzia e isso é a formação, não é? Isso é militância. E aí colocaram, a maioria aqui dos Gaviões é a nossa cidade formada por hoje. Então tem uma visão muito longa do que é a luta pela terra, que todos nós temos direito de moradia, a distinção do que é uma ocupação, o que é uma invasão. Ou a distinção dessa lorota de: “Ah, você entrou, vende a terra, vende ali.” Tem coisas que são só lendas, umas grandes lorotas para todo mundo realmente não gostar do MST, ou dos movimentos agrários, enfim. A gente não, a gente não tinha um preconceito. A gente tinha uma grande admiração quando a gente via o MST em luta. As pessoas, o trabalhador, o perfil das pessoas. Tudo senhor de idade do campo, com aquela garra de mudar. Isso é mágico, isso aí para nós... E a gente um bando de uma torcida com mil jovens nas costas e todos alienados, todos com preguiça; [risos] nós olhávamos... Então era uma coisa que inspirou muito e outra: o aprendizado. O MST sempre fez muita questão de procurar ensinar para a gente o que eles têm de melhor, que é o conhecimento dessa luta toda. E a gente tem uma... Lida com a prática da dificuldade do jovem nesse urbano louco aqui. A gente trocava essa experiência, criamos umas dinâmicas na época, fizemos formação com o MST, que era uma formação específica. A gente discutia a cidade, mas o futebol também junto. Então a gente fez pequenas coisas com o movimento, pequenas coisas de formação, mas que a gente manteve um vínculo até os dias de hoje. Como já tem hoje. A gente vive uns tempos que tem uma outra geração de jovens que também vêm a começar a se interessar a... Ao contrário, hoje a gente é cobrado, a entidade, a voltar com o vínculo, voltar na condução com o movimento e a gente já está dando alguns passos para que isso seja retomado. Já está meio que sendo retomado. Porque outras gerações querem também passar pelo o que a gente passou. Porque também no final muita gente dentro dos Gaviões não entendia, o que era meio estranho, e a gente mostrava, de forma muito clara, que não tinha vínculo partidário, não precisava ter dúvida de nada. Não tinha vínculo financeiro. É só uma troca de experiência, de estudo e ninguém tem contrapartida, obrigação de nada. Eles frequentam nossa casa quando quiserem, porque os Gaviões é uma casa aberta a todos e a gente também vai para as ações lá quando a gente quiser. Não tem nada de... Tanto que a gente

participou de muitas coisas com o MST, ocupação. E eu também assumi algumas tarefas com eles de tarefa mesmo, de até me ausentar dos Gaviões um tempo para eu cuidar das tarefas com eles. Tem companheiro nosso dos Gaviões que hoje é do setor de projetos internacionais do movimento. Outro foi estudar na Venezuela medicina. Voltou formado agora, está no programa Mais Médicos. Outro foi fazer outro trabalho em outros estados com o movimento, junto com os movimentos sociais. Os nossos vários migraram para dentro da coisa e tal. E até hoje a gente tem essa troca, a mesma troca de amizade, um respeito muito grande pelas coisas, que são dois fenômenos de massa e a gente enxerga muita coisa ainda que a gente pode agregar nas duas experiências. E agora a gente está com um projeto novo, que envolve futebol, envolve o MST, envolve a imagem do Sócrates e a gente está em andamento para algumas coisas.

B.H. – Interessante, não necessariamente que tenha sido uma coisa consciente, mas a própria história da Gaviões tem toda uma relação. Ela surge com o Flávio, que foi alguém ligado a movimento estudantil, participou em 1968, depois todo o ato simbólico de estender a faixa em 1979, na reabertura pela anistia, o “Fora Collor”, havia bandeira dos Gaviões. Agora no final dos anos 1990 vocês ressignificam, continuam nessa linha, embora não necessariamente como algo consciente, mas retomam essas bandeiras e dão continuidade. Agora, quando teve as jornadas de junho, lembro que eu acompanhei no site a posição dos Gaviões. Houve uma discussão também se devia ou não participar. Depois passou ali pelo estádio do Corinthians, aí também teve um estranhamento. “Se passar por aqui, a gente não vai segurar.” Como é que foi esse contexto pré Copa, quando tiveram as revoltas contra o aumento do preço do...?

W.R. – O movimento do Passe Livre tentou, logicamente falou: “Vamos agregar as torcidas. Vamos agregar as torcidas e tal.” Questão é que o Passe Livre tinha uma intenção, de pôr fogo no conga na cidade. Ponto. Essa era uma lógica bem clara. Lógico, cobrando demandas reais, mas queria pôr fogo no congá. Um monte, um monte. Sei lá, não vivi muito de perto, mas conheci alguns dirigentes e as ideias finais, verdadeiras, era pôr fogo no congá mesmo. Em um resultado, para nós, insignificante. Para nós, como Gaviões, estou falando. Mas não temos que objetivar isso. [Inaudível] várias coisas a consertar, mas lógico, ir para a rua, a passagem e chamar a mobilização popular, isso não tem como a gente recusar e não apoiar. Mas engraçado, porque como todas as torcidas foram chamadas, nos Gaviões muitos foram porque: “Nós temos que estar bem, auto-afirmação.” Foi pelo valor, pela bandeira, é pelo acesso ao transporte. Não é pela luta de mobilidade. Alguns foram pela auto-afirmação. O conceito torto da torcida. Tanto que eu fui em várias e não fui nenhuma com eles. E por ser um cara pioneiro da coisa, podia

estar lá com eles. Mas eu não queria estar com eles. Não aquela com mente, não com aquela intenção de valores. Eu peguei várias e nenhuma com eles. Essa é uma razão que levou muitas torcidas a ir. Não foi... Quer dizer, e toda as torcidas tiveram algumas lideranças que “vamos ter que [inaudível], mas só massificou assim... Teve uma aí que o Choque, quando viu, eles não... Acho que não tem leitura, eles só saíram na mão com os caras da torcida lado a lado. São Paulo, Corinthians, Palmeiras. Tudo lado a lado. Não foram os estudantes que estavam ali. Eram os caras de torcida organizada. Foi uma das primeiras, mas depois já, cria aquele clima também. Não foi uma coisa “ah, não, vamos brigar junto”. A primeira sem querer brigou junto, mas depois já estava aquele clima de se encontrar. Mas teve uma movimentação. Valeu? Valeu. Que toda experiência seja boa para mim, toda experiência é válida. Para mim todas são, mesmo as ruins. Principalmente as ruins, que eu aprendo pra caramba. Mas todas as experiências são válidas para o ser humano. E tudo aquilo lá foi muito bom para a gente, porque cultivou semente de ideias em corações ali para se discutir realmente a militância de verdade, a luta de classe. Para a gente que quer que a juventude realmente abra essa reflexão e busque informação mesmo, do que é essa sociedade mesmo, então aquilo valeu. Mesmo os que foram lá, inicialmente, com uma outra intenção, mas a gente ficava feliz em ver eles lá. Mesmo com essa contradição, mas feliz. Tanto que hoje, a gente não teria uma discussão. Tem uma pauta ali de a gente ir para a rua com o MST, ou com determinado movimento social. Eu não teria dificuldade de agregar 30 companheiros hoje. Em 2005 eu teria. Tinha que explicar muito. Hoje não, se tiver agenda, tiver essa oportunidade, eu trago é companheiro que se identifica em São Paulo inteiro. E todos os coletivos nossos eu sempre tenho mais... É meio que também uma coisa que a maioria dos coletivos tem os cabeças críticas, como a gente fala. Tem os lutadores, tem os caras que sempre põem tudo em questionamento, tem os caras que enxergam de outra forma as coisas e propõem alternativas e fazer diferente. Uns caras que são brilhantes na... Para consistir essa metamorfose que é os Gaviões de propor, de fazer as coisas. Tem que ver mais dentro da sede, que são os dirigentes e tal. Mas mesmo tendo pouco hoje, ainda temos. Temos, temos vários.

B.G. – E como você vê a participação de torcedores organizados no clube, dentro do Corinthians?

W.R. – Super válido e super da nossa natureza, não é? Porque pelo menos nos Gaviões, a gente cresceu nessa lógica de intervir no Corinthians. O que era um desafio a vida toda, até 2006, 2007, 2008. Muito difícil a gente ser sócio do Corinthians, pagar aquilo lá e pagar a

arquibancada. Eu acho que as coisas deram uma melhoradinha em alguns setores aí. Nosso povo, muitos conseguem manter os dois. Eu consegui um tempo, hoje eu não consigo. É importante, porque a gente intervém direto. Porque a gente fez aquele movimento “Fora Dualib”, conseguiu intervir, conseguimos pôr a pauta. Quem vota, quem vive o clube, participa, ali foi super natural de alguns viverem a coisa mesmo. Tanto que hoje tem cara nos Gaviões que se envolve no quadro da direção do clube. Tudo bem que nem representa os Gaviões lá, fazem o papel de diretoria, mas são oriundos da torcida e tal. Com essas vivências que vão abrindo as portas. Se eu ficar no Corinthians, frequentando lá, dois palitos para se envolver. Uns caras querem comprar, o outro... Mas tem que ter estômago para viver o clube. É verdade. A gente frequentava o clube lá, muitos caras frequentaram bem primeiro que eu, pararam primeiro que eu. Alguns, quando eu frequentava, frequentavam ainda. Hoje não dá. Não teve estômago. Não tem estômago e, chega lá no sábado, aquele monte de mentira, aquele monte de mentiroso. “Ah, não sei o que.” Sabe? Então é um universo que é cheio de... E realmente, lá na prática, lá no departamento de futebol, o negócio é [inaudível]. E aí você fica discutindo um monte de fantasia. Então tem cara que não... Igual a gente, a gente não consegue intervir na vida do dia-a-dia do Corinthians. Quando eles se mobilizam para intervir, é porque a coisa está fedendo já, sabe? Para a gente já é: “Vai, vamos lá exigir que seja diferente e pronto.” Teve todas as oportunidades de fazer diferente, vários momentos. Aí a gente, infelizmente, só intervém quando já está bem crítico. Mas é super válido. Uma que é estatutário, aberto a todo corinthiano. Nêgo torce o nariz, imprensa, porque é organizada está lá, torce por preconceito, por que não está aberto para todos? Então ponto, não tem que nem discutir mais nada. E outra, clubes, clubes tinham que ser... Tinha que ter outro formato nosso esporte, sabe? Os clubes, na verdade, aquilo ali é um instrumento de meia dúzia de caras que ficam rico toda hora. Esses dirigentes nossos aí, arcaicos pra caramba. Nós temos um futebol muito atrasado, muito. Atrasado demais, na verdade. É até hipocrisia, não é? Porque cobram um puta de um modelo atual lá em um sistema velho, velho para caramba. Aí vai agora, se o governo anistiar a dívida dos clubes e tal, vai dar toda margem para virem esses dirigentes todos novos, que a maioria é renovação, virem e refazerem essas dívidas totais. E eles nem assumem a responsabilidade, porque a dívida que o Dualib fez lá, ele vai morrer e o Corinthians não começou a pagar. Eles fazem negócio para daqui [inaudível]... Porque são patrimônios brasileiros que ninguém vai deixar fechar. Um Flamengo da vida. Como vai fechar um Flamengo da vida? Você consegue enxergar um futebol sem o Flamengo hoje? Mas uma hora alguma coisa vai acontecer, não é?

Ou eles vão anistiar, ou vão alimentar essa corja aí, esse sistema, ou vai mudar. A pena é que as torcidas não pautam isso, que é o papel que eles deveriam, nós deveríamos pautar isso diretamente. Uma porque as dívidas do clube são de nosso interesse, outra porque o viciado que está lá enchendo o cofre de dinheiro da casa dele ou se usurpando está ali e outra, o modelo de futebol que eles fazem, que atinge a gente diretamente. Total o que nós tínhamos que fazer. Total responsa. Mas não faz, não é?

B.H. – Pulguinha, tem um último ponto. Depois, se você quiserem propor outros... Em geral, a gente sempre toca aqui com os entrevistados, que é falar um pouco sobre o Carnaval. No caso da Gaviões, está diretamente ligado à história. Em 1975 foi criado o bloco, em 1989, 1988 ela se tornou uma escola de samba e um pouco também no contexto pós-guerra do Pacaembu, as outras torcidas acabaram, com aquela asfixia como torcida organizada, acabaram se convertendo em escolas de samba. Eu sei que você tem uma visão crítica em relação ao lugar do Carnaval dentro dos Gaviões. Eu queria que você comentasse um pouquinho sobre esse universo, como você vê sua participação, até quando ela se deu.

W.R. – O primeiro contato com os Gaviões fisicamente foi através do Carnaval. Eu já ia em jogo muito tempo, mas eu tive convívio com os Gaviões indo no Carnaval dos Gaviões. Eu não sou contra o Carnaval nos Gaviões. Ao contrário, o Carnaval é maravilhoso. O momento que a gente não tem jogo do Corinthians dentro da entidade, a gente organiza um ensaio, a gente vê todo mundo lá, nossos amigos, entendeu? Hoje minha filha é porta-bandeira. Hoje eu vou lá e vejo minha filha dançando lá, toda semana eu me emociono com ela. É gostoso o Carnaval. O que eu sou muito crítico é o modelo de Carnaval do município de São Paulo. É um Carnaval produto. Quem gera é televisão. Isso aqui é uma cultura nossa, de cidadão paulistano e hoje é apropriado pelas escolas de samba, lógico, sim, mas distorcida pelas marcas, as empresas e até os dirigentes das escolas. Os Gaviões vêm como um fenômeno no samba, estão investindo e tal. Criaram um monte de regra para moldar a nossa postura na maneira de fazer Carnaval, porque a gente era muito diferenciado das outras. Já não é Carnaval. O Carnaval era uma festa livre, cara, que o peão se vestia de mulher para você ironizar as pautas da sociedade, para você contar história, lembrar tema. Hoje não, hoje é tanto conceito mercantilista imposto, que hoje a escola de samba escolhe um tema para ver qual o recurso que vai vir em cima disso. Você entendeu? Eu acho que tudo isso... Não vejo como uma coisa tipo “minha cultura urbanística”, sabe? Do eu, sambista paulistano. Eu não vejo. Não consigo investir meu dinheiro de lazer. Apesar que eu sou dos Gaviões, eu já vivo, mas eu não conseguiria ficar indo nas escolas de

samba, pagando entrada de ensaio, pagando as coisas. Trezentos reais em uma fantasia? E sabendo que em muitas escolas os presidentes são de um sistema vicioso, se enriquecem com o dinheiro dos foliões, se enriquece com o dinheiro que vem de subsídio do município, certo? Não tem uma coisa regulamentadora disso. Enfim, e pelo o que eu vi nos Gaviões como dirigente, não é? Eu cresci curtindo o Carnaval, bateria, folião, ala das bandeiras. Curti. Determinado momento, eu tive que começar a organizar e fazer. E aí foi onde a gente viu muita coisa, muita coisa orquestrada, resultados duvidosos que foram manipulados. A gente viveu uma experiência da queda dos Gaviões, porque a gente tinha brigado com os caciques do samba. Para a gente, ou seja, hoje todo presidente que passa pelos Gaviões tem a vaidade de falar: “A gente tem que fazer dois carnavais bonitos.” E aquela coisa, o carnaval, hoje dirigente de escola de samba é tipo... É um mini artista. O cara [inaudível], onde vai e tal. Então se não tiver estômago, jogo de cintura, deslumbra. Deslumbra mesmo, você entendeu? Deslumbra pra caramba. Então nos Gaviões muita gente a favor, muita gente... Difícil falar: “Não gosto do Carnaval.” Ninguém gosta desses valores que trazem lá para dentro. Como hoje é muito dinheiro que movimenta, aí tem pessoas que querem trabalhar em setores que movimentam receita, ou que dão retorno. Hoje um chefe de ala dos Gaviões, ele tem um retorno de uns quase R\$40 mil. Em um projeto de seis meses, mano? Que trabalhador que ganha em seis meses R\$40 mil? Falando trabalhador, não patrão. Trabalhador. É um trabalho muito desgastante, mas para quem vive e gosta e tal, depende do setor, dá retorno. Depende do setor. Eu, particularmente, nunca me preendi a nenhum dos dois, a ter cargo no Carnaval. Gosto do Carnaval, de passar na avenida, não gosto de organizar isso. E até pelo produto final que é. Se fosse um produto final bom para a sociedade, bom para a coletividade, puro, distribuído. Mas não, uma coisa que os resultados pingam de forma muito individual. E o que você vê em torno... A cultura do nosso Carnaval de São Paulo é ruim. A gente nos Gaviões tem que fazer diferente. Uma porque ninguém pode ganhar nada, dirigente não pode... Quiser se deslumbrar, pode se deslumbrar, comunidade vai prestar atenção e você vai te... Você vai ser [inaudível] por isso. Certo? Você vai pagar o seu preço. Enfim, então a gente administrou, passou ali e fez o que todos os presidentes têm que fazer. Um bom Carnaval e tal. Só que no ínterim a gente propôs de a gente voltar a ser bloco. A gente reproduziu, mas com propostas, com debates também, com teimosia. Quando a gente passou ali no meio do caminho, passamos o carnaval... “Está vendo como é ruim?” Fizemos um dossiê de tudo que a gente acha que era de valor distorcido e a gente está propondo, vamos voltar a ser um bloco de rua. Mas com os retornos que os tempos atuais

cedem, que é a imprensa, quer um retorno financeiro, que a gente pode fazer uma camisa de bloco acessível a milhões de corinthianos, pegar uma parceria de patrocínio forte para a gente ter uma imagem desse produto bom e qualquer marca, qualquer um. Mesmo que a Globo queira entrar no Carnaval de São Paulo, outro canal, eles vão querer comprar o nosso produto. Porque a gente é notícia, não é? E multidão nas ruas de São Paulo é notícia, não é? Ninguém ia querer deixar... Iam nos cobrir de um jeito ou de outro. Se a gente também organizar nosso bloco em um dia comum, sem uma agenda prévia do Carnaval, nós travamos tudo, não é? Imagina. Dez mil gaviões em um bloco, sem organização, fechando rua. A prefeitura ia penar com a gente. [risos] E a gente propôs isso de forma organizada na nossa época. Foi negado. Logicamente foi negado. Entendido por todos, mas aquela coisa de mudar para uma coisa muito nova. A gente está no mesmo sistema, desgastando no Carnaval há anos. O Carnaval já não tem mais a credibilidade que tinha dentro dos Gaviões. Não tem mais, tem cara que não gasta mais o dinheiro na fantasia. Não vai mais como foi a vida toda. Por quê? Porque não acredita, acha que a Liga é corrupta mesmo, que os resultados são manipulados contra os Gaviões. Se você vai discutir com a nossa diretoria isso, eles vão falar: “Não, mano. Não é porque a gente trabalha lá para isso, que não é.” Acredito. Mas acredito muito mais nos interesses de não ver essas torcidas e entidades lá disputando de forma justa. Se for de forma justa, eu acho que logo, logo a Mancha vai ganhar um título, a Dragões. É um público mais alegre, é um público que está o ano todo lá junto, que vem para... “Vamos ganhar, vamos ganhar.” Diferente de público da escola, que vem na escola dois meses do Carnaval. Muito diferente. Então se der liberdade para essas entidades, igual às nossas, não vem com tudo mesmo, para papar tudo. As escolas ganham R\$ 2 milhões por ano. A gente tem R\$ 2 milhões que ganhamos igual a eles. Só que a gente uma torcida movimentando o ano todo. A gente pode ir por um pouquinho mais.

B.H. – Temendo um pouco essa concorrência que eles chegaram a ensaiar uma Liga das escolas esportivas. Fizeram um desfile paralelo, aí também não vingou.

W.R. - É, propuseram mil lambanças. A primeira coisa que começaram foi: não pode vir com as coisas do time. Nós tivemos que entrar na justiça para ganhar o direito do nosso Gavião vir com o símbolo do Corinthians. O nosso símbolo é esse. Como que a gente ia vir sem nada embaixo da pata? Nosso símbolo não é só o gavião. Então nós tivemos que entrar na justiça, porque eles falaram: “Esses caras trazem o Corinthians na avenida.” Até o cara que é corinthiano na nossa escola torce por eles. A verdade é essa, que até o cara da Vai Vai, corinthiano, balança quando passa. Porque o cara é corinthiano roxo. Então eles tinham essas

alusões e essa justificativa e proibiram a gente. Tanto que hoje é só no abre alas, é só no abre alas. Hoje tem um molde. É só no abre alas, liberaram a escola inteira nos dois centenários. Centenário do Palmeiras e o nosso. Mas do resto é o abre alas que vai poder vir. Você pode reparar que a Mancha nem põe o símbolo do Palmeiras. Porque eles já nasceram com essa filosofia por escolha. Nós não. Se não vier o símbolo do Corinthians para a gente, não estiver bem destacado na frente do carro, dentro dos Gaviões o bicho pega as ideias. “Mas esconderam o símbolo? Feio pra caramba. Como não está em destaque?” A gente é o Corinthians na avenida. Por mais que a Liga tenha moldado, mas a gente tem que vir representando.

B.H. – A Dragões acho que também não tem o símbolo do São Paulo.

W.R. – Também acho que não. Eu acho que é só o dragão mesmo. Só o dragão mesmo. Eles não põem o símbolo do time, não.

B.H. – Agora, tem uma diferença em relação a Gaviões para as outras torcidas, escolas, é que o estatuto jurídico é o mesmo, da torcida e da escola.

W.R. – É.

B.H. – Os outros são separados. Ainda que os integrantes sejam os mesmos, o pessoal que já foi da ativa vai para a escola de samba?

W.R. – É que a gente é a mesma coisa há anos. Quando chegou a ter esse debate nos Gaviões, se a gente faria ou não duas... Porque a partir que você tivesse que lançar outro estatuto, você tem que... A burocracia nos pede uma outra diretoria. E nos Gaviões ter duas diretorias, para a gente não ia... E outra, o presidente da torcida, o eleito, o cara ali... Ter controle ali. Duas diretorias, duas... Pensamos já. No começo isso aí foi um desafio. Hoje já não é uma ideia tão distante, não. Alguns apóiam. Eu apóio. Eu apóio. Até para não... Eu não quero ver um dirigente, um menino novo, preparado, que a gente forma para estar na frente da torcida, e ver ele lá respaldado, deslumbrado, na porra da liga. Eu não tenho vontade de ver ele lá. Sendo cultivado já com os desvios, sendo cutucado, atentado por essas futilidades. Prefiro ele ali, formado ali, porque já é muita coisa a torcida. E o Carnaval, naturalmente, vem as pessoas mais experientes, certo? Que já tem um conhecimento, que já fez e tal. Eu acho que poderia... E outra, ninguém está impossibilitado de participar de um e outro. Sou da torcida, quero participar na direção do carnaval, ou que seja, qualquer setor, eu participo. Só que mexer no novo, aí você mexe em estrutura, em como seria, aí os interesses. Aí o ser humano dificulta tudo que é simples. A verdade é essa.

A.B. – Não chegou a acontecer a divisão do CNPJ então.

W.R. – Não. Nós chegamos muito perto. A discussão avançou. Tanto que eu falo hoje: não é uma coisa absurda como era há uns anos. Só que hoje nós temos um conselho, hoje tem que passar, não é só a diretoria querer. Tem que ser uma maioria. Se bobear, até mais que o conselho. Se bobear, o tamanho da demanda da pauta, é assembleia geral com associado sendo maioria, porque se não, não passa.

B.H. – E até que ponto as tensões no futebol vão parar na avenida, ou podem vir a parar na avenida? Durante algum tempo a Liga estabelecia que só podia ter uma escola na primeira divisão, depois desfilando em dias separados. Agora a gente tem três escolas torcidas, a Independente está lá [inaudível].

W.R. – A Liga pode fazer o que ela quiser. O papel dela é só regulamentar. Nem regulamentar, ela tinha que ser regulamentada, além disso. Mas o papel dela, a Liga é, nada mais, que todas as escolas juntas. Ela nem manda nas escolas, ela é as escolas. Certo? Então, na verdade, eles não... Pode falar assim... Não tem direito, não consegue breca ninguém. Como que as escolas vão breca uma comunidade que está fazendo a prática do Carnaval? A torcida x, lá do São Caetano, se organiza para fazer um bloco de Carnaval. Reconhecida pela sociedade, pela comunidade e tem que ser reconhecida pelos poderes públicos, certo? Naturalmente. Como que a Liga não reconhece? Saiu 30 pessoas na rua batucando com o bloco, é Carnaval. É organização coletiva e quem está cuidando disso na cidade vai ter que dar uma atenção. A Liga pode até, de forma tendenciosa, os seus representantes e presidentes lá que compõem, fazer as manobras por trás, como eles fazem sim. Estatutária e tal. Mas nunca vão ganhar o direito legal no final. Você chega com a sua comunidade lá, você fazendo os caminhos das pedras para [inaudível] bloco, escola, escola 1, B, C. chega lá na principal, juridicamente, ela vai te barrar? Impossível negar o seu direito de organização. Não existe.

B.H. – Tanto que ela cedeu.

W.R. – Tanto que virou balela. “Não vai ter mais nenhuma depois da Mancha e dos Gaviões.” Vai vir a Dragões, vai vir a Pavilhão, vai vir a Doze. Quem tiver carnaval para subir, vai. A questão é outra. A questão não é a permissão deles, é o que eles fazem para que essas escolas não ganhem. Aí que é a podridão da coisa. Dragões? Eles devem dar risada hoje. Dragões, bate nas costas do Tomate, Tomate é maior gente boa. Mas nunca vão ser justos com o Tomate, eu acho, com a Dragões. Como com os Gaviões e com a Mancha.

B.H. – Agora, os Gaviões chegaram a ganhar um desfile em 1994.

W.R. - A gente ganhou 1995, 1999.

B.H. – No grupo especial.

W.R. – Sim. Tricampeã. A gente tem três títulos. Aí caiu, ganhou, também subiu de novo. Só que é aquela coisa: em uma época que a gente era a única novidade. Noventa e cinco, por exemplo, a gente fez uma coisa que foi a massa que deu o título para nós no Anhembi. Porque a gente foi um fenômeno. Já em 1994, a gente saiu do Anhembi frustrado já, os Gaviões. Porque a gente já era que a gente tinha que estar no topo. E a gente não foi e era um enredo que a avenida inteira cantou. Noventa e cinco foi um fenômeno. A avenida deu o título para a gente. Aí todo mundo colocou a gente no TOP, foi perfeito os Gaviões. Não tinha aquele agito que a gente viu na avenida naquele ano. Hoje a gente também já não consegue vir naquele fenômeno de... Hoje a gente vem, vem bem, mas vem a Vai Vai bem, entendeu? A Mocidade, que está tirando suspiros de alguns. Mas antes, que nêgo esperava que iria levantar multidões, seriam os Gaviões, Vai Vai, tradicional do samba. Hoje não, hoje você vê que algumas vêm com potencial para agitar, mas sem nada daquele fenômeno de antes. Nosso público também não se dedica aquela coisa de antes. Se você pisar no Anhembi, em um setor aí, é o olho da cara. Você vem só uma... E ainda descoberto. Uns bagulhos loucos. Você toma chuva a noite inteira, frio. Não é um lazer 100% para você ir com a família, não, o Carnaval de São Paulo. Eu já fui de arquibancada para não voltar nunca mais. Chuva você toma na avenida, tomando cervejinha, felicidade. Fica lá sentado tomando chuva sete horas. [risos] A sua animação para ver o Vai Vai passar. O Bexiga pode vir, Saracura pode vir cuspidando fogo que você não vai estar 100%, entendeu? [risos] Essas coisinhas. O Carnaval ainda é legal. Se você não olhar por esses olhos da política, enxergar como produto e falar: “Vou lá.” Eu gosto de ir no Vai Vai lá. Mesmo com todas as contradições, adoro ir em uma escola de samba, tomar uma cerveja, ir nos Gaviões. Mas não vou para a avenida, não quero ver o produto final, não vou estar preocupado se a gente vai levar o título ou não. Minha preocupação é quem dos Gaviões foi lá, participou. Saiu satisfeito? Foi legal? Eu fico mais preocupado com isso do que: “Ah, não, é teu título. Ah, roubaram meu ponto.” Isso já é sem novidade.

B.H. – Ainda nisso, só para fechar. Ano passado teve, pouco antes do desfile, aquele incidente, Torcida Jovem do Santos com Independente e ficou um clima tenso no dia do desfile. Agora a gente sabe que está um clima tenso entre Mancha e Gaviões. Até que ponto essa tensão do futebol pode vir a trazer problemas, como ter presença de polícia para separar, escola torcer... De que maneira você acha que o Carnaval pode ser afetado pela rivalidade do futebol?

W.R. – Problemas e riscos têm. Acho que a gente já tem uma cultura que no Carnaval... A gente já convive com a Jovem no Carnaval muitos anos. Com a Jovem, com a TUP. Aí as outras são mais recentes. Mas com a Mancha já estamos já alguns anos vivendo a experiência. Já estamos há alguns anos. Pegamos um Carnaval que realmente o clima estava muito tenso e a gente tem revertido. É o que eu falo, vai do papel das lideranças quererem fazer alguma coisa. Se tiver o clima e não tiver trabalho feito, é risco sim de acontecer alguma coisa. Como agora está um risco. Se o nosso presidente não for lá, não sentar com o policiamento, não sentar com o Serdan e tentar fazer alguma coisa, e deixar à mercê, a gente está no risco de problema grande. Só que hoje isso aí é pensado dentro da Liga já. “Então vamos fazer o desfile das campeãs. Mancha ou Gaviões?” Mancha e Gaviões tem que ser um horário diferente, por causa do público. Horário diferente, mas a Mancha vai entrar naquela entrada, Gaviões nessa. Eles, mesmo assim, sendo primeiro, [inaudível] último. Se o cara fica na arquibancada, não vai se enturmar lá na mesma entrada. Tem que ir todo mundo pensadinho, em especial para a gente. Com a Dragões, as duas não tem muito o que... Porque eles são menores, são um público mais organizado, mais fechado com eles, então eles já vem para o Anhembi... Gaviões no Anhembi, você vai olhar no entorno lá está vindo gavião do bueiro, do Tietê, da [inaudível]. [risos] O cara sai da faculdade de Santana, nêgo está atravessando de tudo que é lugar. Você fala: “Nossa.” E a Mancha também já é um público maior. Tem que tomar todos os cuidados. Do mesmo jeito que a gente faz em um grande jogo, sentar anteriormente e pegar o mapa do lugar, fazer um preventivo, o Carnaval está na mesma linha. Na mesma linha. Qual é o calendário ali, ensaio técnico... A Liga já não põe os Gaviões e a Mancha juntos e pode pôr a Dragões na mesma noite, que nós, que a Mancha, [inaudível] horário de intervalo. Está tudo certo. Estamos convivendo ainda.

B.H. – Talvez [inaudível] isso pode também.

W.R. – Dentro do Anhembi tem uma consciência muito grande de todo mundo. Minha preocupação mesmo é esse negócio de trajeto, de caminho, o público lá fora. Eu tenho receio com essas coisas. Agora, dentro do Anhembi, se a Liga continuar trabalhando com essa prevenção aí, dá para conviver sim, dá para trabalhar, dá para fazer o Carnaval. Até porque também esse temor não é de hoje. Antigamente esse temor era a guerra da Vai Vai com a Camisa. Os caras contam umas histórias bem mais loucas que isso. De tiro, de não sei o que, de tal. Os caras das escolas antigas, quando falam... As histórias antigas do samba são bem piores. Hoje a gente que está levando temor para lá, porque a imprensa também desenha o

temor da coisa. Como que vai ser, como que vai... Então acaba sendo uma rede, sempre tendo o risquinho e a imprensa falando e tal. Enfim, é só a Liga continuar trabalhando, os presidentes das entidades, que vai.

B.H. – Bom, vamos encerrar essa entrevista com o Pulguinha. Pulguinha, muito obrigado, você foi emocionante, sensacional. Foi uma aprendizagem, eu, particularmente, gostei muito. Te agradecer por ter vindo até aqui, cedido esse espaço. Enorme espaço para falar com tanta abertura, franqueza, muito legal. Muitíssimo obrigado.

W.R. – Nada. Eu que agradeço o projeto. Legal.

[FIM DO DEPOIMENTO]